

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DO SEMINÁRIO DOS OLIVAIS

Nºs. 2-3 MARÇO - AGOSTO 1982

NOVELLAE OLIVARUM
Revista de Formação Cultural

Director
Pe. Carlos Paes

Redacção
Pe. Manuel Clemente
João Rosa Ferreira
Manuel José Machado
Manuel Felício de Almeida

Propriedade e Administração
Seminário dos Olivais
1800 LISBOA

Publicação Trimestral

Composto e impresso
nos Serviços da Cáritas Portuguesa

TERCEIRA SÉRIE
Número 2 e 3 — Março-Agosto de 1982

Assinatura anual: 120$00
Avulso: 40$00

SUMÁRIO

— Linhas de força da concepção da formação sacerdotal nas normas fundamentais 1

— Actividades pastorais dos seminaristas 6

— Orientação pastoral 13

— Algumas reflexões 18

— Notas de cultura portuguesa 25

— Encontro dos responsáveis 28

— Crónica 32

Linhas de força da concepção de formação sacerdotal nas Normas Fundamentais

INTRODUÇÃO

1. As linhas mestras da formação sacerdotal decorrem, necessariamente, do ministério sacerdotal, para o qual se preparam aqueles a quem a formação sacerdotal é dirigida. Essa formação tem de ter em conta, em cada época, os diversos aspectos desse ministério: a sua essência permanente e as dadas circunstânciais de cada tempo e lugar.

Essa essência permanente do ministério dos presbíteros, define-se pela sua relação ao ministério de Jesus Cristo, ao ministério da Igreja e aos outros ministérios na Igreja, o do Bispo, dos diáconos e os ministérios laicais.

Mas todo o ministério, enquanto participação no ministério de Cristo e actuação do ministério da Igreja é para ser exercido em circunstâncias concretas de tempo e de lugar. A Igreja que, enquanto inauguração do Reino dos Céus, é, no meio do mundo, um testemunho de transcendência, está no mundo e na história e vive essa dimensão de transcendência na temporalidade. É uma exigência do mistério da encarnação: a sua referência a Jesus Cristo ela vive-a e anuncia-a numa referência aos dados da civilização; nada do que é humano lhe é indiferente. O futuro padre tem de ser formado para ser testemunha de Jesus Cristo e servidor do Reino de Deus, mas também para ser homem do seu tempo e do seu povo.

O equilíbrio entre estas duas dimensões que poderiamos designar «teológica» e «sociológica» do ministério sacerdotal, é o grande desafio proposto aos formadores dos padres de amanhã.

Num momento em que a Igreja reencontra a sua vocação de transcendência

2. Este equilíbrio entre a afirmação dos valores transcendentes e a preocupação de encarnação, de estar no mundo, numa atenção aos seus valores e problemas, não é fácil e nem sempre se consegue sem tensões e sofrimentos. E o perigo de exageros e extremismos numa e noutra direcção espreitou continuamente a Igreja atra-

vés dos tempos. Ora se cai numa visão de Igreja tão espiritualizada que parece que nada tem a ver com a vida real dos homens e dos povos, ou se cria uma imagem de Igreja tão inserida e identificada com o temporal, que dificilmente se lhe descobre no rosto a luz do ressuscitado. O Santo Padre João Paulo II ainda recentemente lembrou, no seu discurso aos Bispos em Fátima que essas visões exclusivas da Igreja se transformam, por vezes, em factores de desegragação: «Há muitos focos de tensão que tornam frágil e instável esta comunhão. Rótulo de «conservadores» e «progressistas» ou opções entre uma visão de Igreja mais espiritual e outra de maior empenho, ou a preferência por este ou aquele movimento eclesial: não é raro que tudo isso e muito mais ainda se torne ocasião de rupturas profundas na comunidade eclesial» *(Discurso do Papa João Paulo II em Portugal, p.61)*

Tudo isto tem a ver com a formação sacerdotal e estas tensões não raro se fazem sentir nos próprios seminários. É um facto que, depois de durante alguns anos se ter insistido numa visão de Igreja como força de transformação das estruturas profanas do mundo, o que veicula uma certa imagem de padre, hoje se redescobre a dimensão espiritual e transcendente da vida da Igreja. O padre de amanhã tem de afirmar-se como homem do sagrado, sem perder o essencial de uma experiência de Igreja inserida no mundo e empenhada no serviço de todos os homens. A formação sacerdotal, neste oscilar pendular da vida histórica da Igreja, tem de estar atenta a todas as dimensões, evitando que se caia nos extremos. O novo rosto da Igreja, procurado laboriosamente no Concílio Vaticano II, está apenas a nascer e os padres que a hão-se servir não podem ser apenas a reconquista de modelos passados, considerados mais autênticos, nem a figura, demasiado horizontal, do padre servidor da comunidade humana, emparceirando com outros servidores profanos, perdendo a sua qualidade perene de ministros do sagrado e testemunhas de Deus.

Este equilíbrio passará por uma sólida formação espiritual, por uma sã preparação teológica, por uma recta iniciação pastoral e por uma vivência eclesial em comunidade, durante todo o período de formação. A vivência das exigências do ministério da encarnação, dará a toda a formação sacerdotal uma dimensão cristocêntrica, a única que garantirá o equilíbrio entre espiritualidade e missão.

Inspiração cristocêntrica da formação sacerdotal

3. É a dimensão mais fortemente presente nas *«Normas Fundamentais»*. Trata-se de valorizar, em termos formativos, uma dimensão essencial e constitutiva do ministério dos presbíteros: a participação no próprio sacerdócio de Cristo. O sacramento da ordem trará um motivo novo, a completar os que já são dados pelos sacramentos da iniciação cristã, de união a Cristo e de identificação com Ele. No seu mistério pessoal, realiza-se em harmoniosa unidade, a síntese entre a santidade pessoal e as exigências do ministério. A consagração é, nele, o princípio da missão (cp. 2.6. n.° 28).

É por isso que Nosso Senhor Jesus Cristo será sempre, para o padre, a fonte do poder sacerdotal e o modelo de Pastor. Consagração e ministério, fidelidade pessoal a Deus e prontidão para o serviço, santidade pessoal e generosidade pastoral são, por isso, inseparáveis na vida do padre e a união a Cristo é a garantia dessa unidade.

Esta perspectiva deve presidir a toda a formação sacerdotal; proporciona ao mesmo tempo uma radicalidade da situação de baptizados, prepara para o sacramento da ordem e inicia numa espiritualidade especificamene sacerdotal, estruturada a partir do sacramento da ordem e da prática do ministério.

Tal como em eclesiologia poder-se-ia contrapôr a esta visão cristocêntrica uma visão pneumática, mais centrada no Espírito Santo. A meu ver a opção não é real e o problema não existe pois tal como em toda a vida cristã, a formação sacerdotal centrada em Cristo só é possível e só tem sentido na abertura ao mistério da Trindade, à vida íntima de Deus e às missões das Pessoas divinas, verdadeiro princípio da salvação. Cristo e a Igreja não devem perder, na formação, a sua qualidade de caminhos para o Pai, ponto de referência último da vida da graça e do próprio Reino de Deus. Mas é a encarnação do Filho, que, com a dinâmica que introduz na história, garante e possibilita a harmonia e a salvaguarda de duas dimensões essenciais do mistério da Igreja e da salvação: a transcendência do mistério e a presença no mundo.

O ministério sacerdotal é a expressão mais radical desta dualidade de aspectos; ela não pode deixar de estar centrada no mistério da encarnação.

Uma referência contínua ao mistério da Igreja

4. A dimensão eclesial da formação decorre da sua orientação cristocêntrica e pastoral, a Igreja é o «sacramento fundamental» para a realização histórica da salvação e nenhum ministério na Igreja tem sentido desligado dos ministérios de Cristo e da Igreja em relação ao mundo. A missão da Igreja tem a amplitude da missão de Cristo, que é a amplitude do designio salvífico do Pai. Servir a Igreja como padre, ou outro qualquer ministério, é realizar essa missão de Cristo e da Igreja em ordem à salvação da humanidade.

Compreende-se, assim, que toda a formação sacerdotal deva ser impregnada deste sentido do ser e da missão da Igreja. Isso só acontecerá se a formação for feita em Igreja, numa experiência de comunhão eclesial o mais completa e profunda possível. O seminário não pode ser uma realidade à parte, isolada do conjunto da Igreja. Deve ser, em si mesmo, uma experiência de Igreja, sobretudo na vivência comunitária em todas as suas dimensões e deve estar em relação com toda a comunidade eclesial de que faz parte e para a qual se orienta.

O amor à Igreja é mais do que a dedicação a uma instituição a que se adere; é uma identificação profunda da própria vida com o mistério que na Igreja toma forma; é simultaneamente amor de Deus e amor dos homens, é a expressão concreta da própria identificação com Cristo, pois a Igreja é o Corpo de Cristo. O futuro padre deve descobrir progressivamente que ao aceitar o chamamento para esta vocação a sua vida se vai identificar com a vida da Igreja, de uma Igreja concreta e real e

não de uma qualquer Igreja utópica e imaginária que o levaria, porventura, a entrar em conflito com a Igreja real. O tempo de formação para o sacerdócio tem de ser um tempo de forte vivência eclesial, pois é «experimentando» a vida em Igreja, que se aprende a amá-la.

Na comunhão com o Bispo e com o Presbitério

5. O ministério dos presbíteros só se compreende a partir do ministério do Bispo, de que é participação e prolongamento, na comunhão de um presbitério. A formação para o sacerdócio deve orientar-se para essa realidade, eixo de toda a vida teologal de uma Igreja particular: o Bispo, sucessor dos apóstolos, em quem reside sacramentalmente a plenitude do sacerdócio de Cristo, e o presbitério que com ele partilha esse sacerdócio, para a edificação da Igreja.

A formação sacerdotal deve comentar essa descoberta do Bispo, não apenas como pessoa concreta, mas como ministério, e a abertura ao presbitério em que se entrará pela ordenação sacerdotal. O sacerdócio não deve ser visto e desejado apenas como um gosto ou realização pessoais, a exercer como melhor parecer a cada um, mas como um dom dado à Igreja, no ministério dos apóstolos e seus sucessores, para ser vivo em comunhão de caridade e de critérios pastorais com o Bispo e com os outros sacerdotes . Ninguém é padre para si mesmo e só à sua maneira. O sacerdócio é o principal ministério da Igreja e deve ser vivido em comunhão.

Esta dimensão deve estar presente na formação, não apenas através de uma reflexão específica, mas através da vivência eclesial de que falei atrás. Assume especial relevo a presença e acompanhamento assíduos do seminário por parte do Bispo e a abertura mútua entre o seminário e o presbitério. A afirmação já clássica, que apresenta o seminário como o «coração da diocese», só será verdadeira se ele for o «coração do presbitério».

As exigências da missão futura

6. Não se pode descurar na formação sacerdotal a importância das características de que se reveste hoje o ministério sacerdotal. Os candidatos ao sacerdócio serão padres numa Igreja concreta, num país determinado, no mundo actual. Eles serão educadores da fé, ministros dos sacramentos e presidentes de comunidades de homens concretos. A formação sacerdotal, para além da preparação específica para cada um desses aspectos do ministério, deve prepará-los para o conhecimento e discernimento dos problemas humanos, em ordem ao exercício de uma autêntica caridade pastoral. Essa é a razão de ser de todos os estudos, de toda a iniciação na vida das comunidades, da própria formação espiritual.

Esta capacidade de conhecer e discernir os problemas dos homens faz parte daquela maturidade exigida para o ministério e o zêlo apostólico, prelúdio de uma autêntica caridade pastoral, deve ser a força que a inspira. Formar padres não é só preparar técnicos em questões teológico-religiosas; é fazer desabrochar pastores que conduzam o Povo do Senhor com a solicitude pastoral do próprio Cristo, que estejam dis-

postos a dar a vida pelas ovelhas. Isto exige uma total disponibilidade para o ministério. O padre de amanhã terá de ser padre, não apenas a tempo inteiro, mas de coração inteiro. Só o Reino de Deus e as exigências pastorais poderão justificar todo e qualquer tipo de ocupação do tempo e do coração de um sacerdote.

A aprendizagem de uma espiritualidade sacerdotal

7. A formação sacerdotal deve ser feita de modo a ir desabrochando espontaneamente uma autêntica espiritualidade sacerdotal, isto é, uma vida pessoal de fé e de busca da santidade radicada e inspirada na consagração sacerdotal e no exercício do ministério.

Todo e qualquer caminho de santidade na Igreja parte sempre da participação objectiva na santidade do próprio Deus, que nos escolhe, chama e consagra. Essa consagração é o ponto de partida e a exigência de uma resposta de santidade ao nível da santidade moral. É assim para todos os cristão, leigos ou religiosos, a partir da consagração baptismal; é assim para os sacerdotes a quem Deus consagrou de novo em ordem ao ministério. Se a santidade moral tem o seu ponto de partida na consagração, não se pode conceber que a santidade do sacerdote não tenha que partir da sua consagração, pela ordem e do exercício do ministério ordenado.

O sacerdócio é a grande parte conspiradora da espiritualidade do padre, que o encaminha para uma progressiva identificação com Cristo. O sacerdote não precisa de recorrer a espiritualidades religiosas ou laicais para encontrar o seu caminho de exigência espiritualidade. Este brota do seu sacerdócio, como da sua fonte. Isto não significa que intuições e perspectivas próprias de movimentos ou conceitos de espiritualidade não o possam ajudar na descoberta de Deus. Mas o seu sacerdócio será o elemento unificador de todas elas. Descobrir isto durante a formação sacerdotal é lançar as bases de uma solidez espiritual e da garantia de fidelidade dos futuros padres.

D. José da Cruz Policarpo

Actividades pastorais dos seminaristas

Testemunhos

O Seminário dos Olivais é um Seminário Pastoral. Ao entitular-se assim quer pôr o acento na dimensão pastoral da nossa futura actividade sacerdotal, inseridos na vida diocesana e ao serviço do Povo de Deus.

Essa atenção pastoral exprime-se, na vida do Seminário, através de um determinado estilo de vida comunitária e também das actividades de iniciação pastoral que desenvolvemos em diversos campos, como o do aprofundamento da fé de grupos de adolescentes e jovens, preparação para a Confirmação, orientação de Acólitos, trabalho em Movimentos como, por exemplo, os Escuteiros, Pastoral Vocacional, Pastoral Profissional, e ainda Pastoral Universitária.

Estas actividades são preparadas e reflectidas em confronto com o Pe. Carlos Paes, que mantém contactos com os locais onde trabalhamos.

Vamor ter nestas páginas o testemunho de alguns colegas. O do Adelino, para começar, dá-nos conta do seu trabalho pastoral num dos «bairros de lata» de Lisboa, a Curraleira:

«A Curraleira é ainda um dos bairros de lata de Lisboa. Quem por lá passa fica com a sensação de que entra num mundo à parte da cidade. As ruas são apertadas por barracas escuras. Mulheres lavam roupa nos tanques, cantarolando fados com voz de cigana. Sentadas no peal da porta, outras remendam meias e conversam sem papas na língua. Um gato apanha sol em cima dum telhado de lata olhando desconfiado para a miscelânia de cães e garotos que brincam na rua.

Na Curraleira todos se conhecem, vizinhos e não vizinhos. Gente simples e simpática como numa aldeia. É fácil entrar em conversa familiar com as pessoas. Um dia um garoto quando me viu lá chegar exclamou: — «Olha o ti'Adelino já veio!» É que eu e o Domingos vamos lá quase todos os sábados encontrar-nos com um grupo de miúdos dos 11 aos 14 anos. Normalmente reunimo-nos na «casa» das Irmãzinhas de Jesus, uma barraca metida entre todas as outras. As Irmãzinhas são ali as irmãs dos pobres, não somente amando-os, mas pertencendo-lhes socialmente e partilhando toda a sua vida com os pobres, na imitação de Jesus vivendo em Nazaré.

Para ali iniciarmos um trabalho Pastoral adequado, procurámos conhecer bem os miúdos e estabelecer amizade com eles. E os miúdos revelaram-se como «rapazes» cheios de vivacidade, reinadios e simpáticos, experimentados na vida, diferentes dos «meninos de cidade» amolecidos pelo conforto. Foram eles que exprimiram

alguns dos problemas que sentiam no bairro. «A droga é o pior mal que aqui existe»! dizia um. «Há roubos, há ladrões, há bêbedos e a polícia anda sempre aí de noite»! acrescentava outro. Neste bairro existem também doentes que já nem a família quer saber deles. Pessoas de idade que se sentem sós porque os filhos já não lhes ligam. Há prostituição e abortos porque faltam também as condições necessárias para uma vida familiar normal. Há uma certa desilusão pela vida porque cansados de promessas políticas. Há famílias que não se entendem. Existe uma religiosidade natural nas pessoas e quando é necessário vai-se à bruxa.

Estes rapazes com quem conversámos nunca tiveram catequese. Tentámos saber o que é que eles gostariam de fazer como grupo, além de jogar futebol. Várias propostas surgiram e a mais generalizada era a de fazer um teatro. Levei-lhes o texto do «Samaritano de bom coração», cada um escolheu a personagem com quem mais simpatizava, e depois de vários ensaios cada um decorou o seu papel. Foi uma boa oportunidade para desenvolver várias qualidades humanas e para traduzir na vida concreta as interrogações e as respostas que surgiam neste texto de S. Lucas: — O que é a vida eterna; O que é amar a Deus; Quem é o meu próximo.

Na Curraleira nunca tinha havido uma festa. Pintámos um cenário, aprendemos canções de mensagem cristã e outras representações e no Dia da Mãe fizemos uma festa. Foram eles que escreveram e distribuiram panfletos no bairro convidando pessoalmente as pessoas para participarem. Todos gostaram e naquele dia aumentou a confiança e a convivência entre as pessoas.

No princípio deste ano e perante os vários problemas que existem no bairro, pensámos em conjunto nas seguintes questões:

— Que safa encontrar para estes problemas?
— Quem nos pode ajudar a viver de maneira diferente?
— Que está à nossa mão fazer para melhorar a vida das pessoas?

Estas interrogações são ponto de partida para uma apresentação mais explícita de Jesus Cristo. Assim elaborámos uma representação bíblica em que várias pessoas-tipo deste bairro se interrogam sobre o sentido da vida e o caminho novo de libertação que todos podem seguir. Este caminho novo é Jesus Cristo, enviado para levar a Boa-Nova aos pobres, anunciar a libertação aos prisioneiros, dar vista aos cegos, a liberdade aos oprimidos...

Com alguns textos do Evangelho esta representação está a permitir um conhecimento mais pessoal de Jesus Cristo.

A «nossa Pastoral» na Curraleira, procura ser assim uma pastoral incarnada, simples e verdadeira, numa linguagem adequada à sensibilidade e à situação vivencial das pessoas dali. De passo a passo vamos anunciando aos «rapazes», reinadios e simpáticos, que Deus os ama e quer construir com eles uma vida em cheio».

Adelino Sousa

Esta é a tarefa do Adelino. Um trabalho aliciante, que requer atenção e criatividade em relação ao meio, para uma apresentação global da Mensagem de Jesus Cristo.

Temos agora o Manuel Alexandre, que nos fala do seu trabalho de animação de um grupo de Acólitos na Paróquia da Portela:

«No caminho para o Sacerdócio Ministerial vários dinamismos são essenciais apreenderem-se e viverem-se como a oração, o estudo da teologia, o viver em comunidade, a missão — actividade pastoral — entre outros.

O Seminário propôs-me trabalhar numa jovem comunidade que tem 6 anos e que sempre contou com a colaboração de seminaristas. Nela foi-me pedida a colaboração com o grupo de acólitos. Ao assumir esta pequena missão contei com a ajuda e o confronto constante do superior que nos orienta neste campo. Sem este apoio, para mim é avançar na insegurança.

Todo o esforço em Igreja é serviço, não isolado mas inserido num todo que aqui e agora é a Igreja Diocesana que se projecta na Igreja Universal de Jesus Cristo. Assim este jovem grupo está a construir a sua história de serviço eclesial.

É preocupação do grupo participar em iniciativas propostas pelo CIVA — Centro Inter-Vicarial de Acólitos — como cursos de liturgia, recoleções, momentos de oração, o dia do acólito e a solenidade de Corpo de Deus. Aí encontra-se com outros grupos que vivem os mesmos ideais, com experiências comuns que partilham entre si.

Sendo um grupo virado para o que se passa na diocese tem sentido o seu serviço na Igreja Local que serve. O grupo encontra-se quinzenalmente para reflexão e preparação das celebrações e para aprofundar a vivência sacramental da eucaristia e da penitência. Estes dois sacramentos estão intimamente ligados na vida daqueles que colaboram no altar do Senhor.

Não acredito em bons técnicos de celebrações eucarísticas e procissões e numa vida afastada da sua fonte principal, Cristo da Comunhão e do Perdão, por isso em vez de técnicos acredito em colaboradores do Presidente da assembleia que procuram ser cada vez mais cristãos em cada dia que passa.

Mensalmente numa tarde rezamos em grupo e nos tempos litúrgicos retiramo-nos um dia para aprofundar a dinâmica e a proposta desse tempo.

A par de tudo isto, cada jovem do grupo está integrado num dos grupos juvenis da paróquia aonde encontra outros jovens que com ele servem a Igreja noutros sectores; o que daí advém é uma maior abertura aos outros e o evitar do 'geto' e do 'elitismo'. Abertura essa que acolhe um enriquecimento e partilha da experiência de ser Igreja.

Sente-se assim o grupo, mais Igreja e mais uno entre si».

Manuel Alexandre

O Pedro Nuno, que tem a sua actividade pastoral em Marvila, narra-nos a sua experiência na Pastoral da Confirmação com grupos de rapazes e raparigas dos 13 aos 16 anos:

«Aquilo que mais surpreende e cativa numa acção pastoral, seja ela qual for, é aquele esforço por levar à prática, pelos meios adequados, a acção missionária da Igreja, esforço esse que se traduz na opção de evangelização: A partir da Boa Nova de Jesus Cristo, confiada à Igreja, levar as crianças, os

jovens ou os adultos a acolherem e a conduzirem a sua vida por uma novidade, que não se reduz a um mero conhecimento doutrinal abstracto, mas que é Jesus Cristo, Morto e Ressuscitado, presente e actuante na Igreja, nos grupos cristãos.

Fazendo a leitura de uma experiência pastoral, iniciada em finais de 81 com um grupo de adolescentes/jovens em Marvila (no intuito de caminhar para o Sacramento do Crisma, primeiro, e a partir dele, em seguida), pode dizer-se que tal pastoral tem vivido de um esforço, logo desde o seu projecto, de fidelidade àquela opção bem apontada pelo PAP, a opção de evangelização. A tradução de tal opção está, para o caso da pastoral em questão, em Marvila, na proposta de fazer, com o grande grupo, que por sua vez se subdivide em grupos mais pequenos, uma caminhada de fé, em encontros semanais, centrados na presença viva e actuante de Jesus Cristo nos grupos — «Onde dois ou três...» (Mat. 18, 20) — grupos esses onde se lê, se escuta e se reflecte em comum o Evangelho de cada Domingo.

Tal pedagogia, ao ritmo litúrgico, tem-se centrado na proposta e na pedagogia catequética do Evangelho do ano: S. Mateus, no ano passao, S. Marcos, este ano. Neste campo, parece, assim, conseguida aquela íntima conexão necessária entre a reflexão da fé, centrada na Palavra viva do evangelho, e a celebração do Mistério Pascal de Cristo, que a Igreja celebra ao longo do ano litúrgico (cfr. Instr. INTER OECUMENICI, 6-8; cfr. Const. sobre a Sagrada Liturgia, 102-107).

Semana após semana, segundo o ritmo pedagógico da Igreja, a semente do Evangelho vai penetrando e ganhando raízes na vida deste grupo eclesial de jovens. Cada um dos jovens pode, assim, experimentar, no fundo do seu coração, o acolhimento feito a uma Pessoa que interpela e atrai; interpela e atrai, hoje, com a mesma frescura com que atraiu sempre os seus discípulos, de entre a multidão anónima. Trata-se de pôr, assim, em comunhão com o Ressuscitado, que os levará à novidade do testemunho, não de ideias, mesmo que tenham cariz religioso, mas do *encontro* com Alguém que está vivo, e de quem importa tirar o véu, para O descobrir e deixar-se converter, na mente e no coração. Afirmava uma jovem, depois do Crisma: «Depois que o Espírito confirmou em mim a fé em Jesus Cristo, sinto que a minha vida mudou, porque descobri que Ele está vivo na Igreja».

E é também a realidade eclesial, na sua dimensão de Povo de Deus que se vai descobrindo; e são os sinais da presença de Cristo, sempre actualizados na história, que se vão celebrando e aprofundando.

Como conclusão desta leitura, direi ainda que toda a acção pastoral, centrada no Mistério de Jesus Cristo, Palavra Viva, que continua a realizar, hoje, na sua Igreja, os Sinais da Sua Presença, se deve identificar com aquela realidade que João Baptista exprimia ao afirmar: «É necessário que Ele cresça e que eu diminua» (Jo 3, 30).»

Pedro Nuno

Também na Paróquia da Portela, o trabalho do Joaquim Nazaré com um grupo de adolescentes:

«Trabalho com um grupo de adolescentes dos 12 aos 14 anos, e vou

tentar pôr por escrito algo desta minha experiência.

É uma actividade inserida no plano de formação que me é proposto pelo Seminário, e é um trabalho que faço com gosto e alegria, sem no entanto descuidar o estudo e a oração.

Toda a formação do Seminário tem como objectivo preparar-nos para o serviço do povo de Deus, como pastores, em união com o nosso bispo. Este trabalho que faço agora em pequena escala com adolescentes, e no qual procuro pôr todo o empenho e dedicação, é para mim imagem da parcela do povo de Deus que espero me seja confiada quando for padre e à qual me espero dedicar a tempo pleno.

É ainda uma oportunidade de sair do abstracto dos estudos, e entrar em contacto com o concreto de transmitir a Boa-Nova de Jesus Cristo. Concretamente neste trabalho com adolescentes trata-se, em primeiro lugar, de os ajudar a tornarem-se homens, e consequentemente bons cristãos. É preciso proporcionar-lhes um crescimento espiritual paralelo ao crescimento físico e intelectual.

É na adolescência, a idade de procurar um ideal ao qual aderem e se identificam: é portanto altura propícia para lhes apresentar Jesus Cristo como ideal, e levá-los a aderir a Ele como amigo.

A adolescência é ainda uma idade particularmente plena de energias, e também a idade de descobrir, e começar a entrar no mundo dos adultos, e não raro de choque com esse mesmo mundo; normalmente surgem conflitos com a família, particularmente com os pais. Surgem conflitos com a sociedade; por outro lado a mesma sociedade, solicita-os a outros níveis. Daí que é preciso estar muito atento aos problemas e conflitos de cada um para os poder ajudar a resolver e superar essas situações, e para os ajudar a orientar e integrar positivamente, as energias que cada um possui em si mesmo. Isto exige ao orientador do grupo uma atenção muito grande não só a cada um, mas ao meio em que estão inseridos e aos problemas que daí lhe advêm.

Este trabalho exige ainda, da minha parte, que mantenha e aprofunde uma relação pessoal com Jesus Cristo, para lhes poder falar d'Ele como Alguém que conheço e de Quem sou amigo, e poder assim propôr-Lho como ideal».

Joaquim da Nazaré Domingos

A finalizar este grupo de testemunhos, temos o José Augusto, que é o Chefe de Agrupamento de Escuteiros, em Alcobaça, e também o responsável da Secção Senior:

«Tenho ouvido, não poucas vezes, alguns agentes da Pastoral queixarem-se dos escuteiros; porque não vivem segundo o ideal escutista, segundo a Lei do escuta, ou ainda porque entretidos com actividades não se preocupam com a sua vida de fé. Estas e outras observações têm-me feito pensar sobre a minha presença no Escutismo. Sobretudo porque no Escutismo não sou um simples observador, sou antes chefe de um Agrupamento (o de Alcobaça).

Tal como em muitos outros sectores da Pastoral dos jovens, já lá vai o tempo em que ser dirigente-escuta era relativamente fácil, quer dizer, viam-se os frutos do trabalho com mais facilidade. Não vou aqui expôr as razões des-

ses êxitos, mas podemos verificar como foi importante o Escutismo como força de juventude católica numa Europa combalida com as duas grandes guerras mundias. Nessa altura, os jovens descobriam e viviam a partir do Escutismo os mais altos valores. Enfim, uma certa nobreza de espírito como verificamos no Movimento pelos anos cinquenta.

No nosso tempo ser dirigente-escuta é uma grande luta, sobretudo quando se está directamente responsável por um grupo. Hoje, os jovens, mergulhados nesta nossa sociedade de consumo, têm imensos atractivos e alguns deles sem qualquer intuito formativo. É preciso, pois, estar atento para que os jovens sintam o Escutismo como um dado importante na sua formação e para isso o dirigente tem de criar as condições para se aplicar de forma actualizada o método escutista.

No meu Agrupamento sou também responsável pelo grupo sénior, ou seja, pelos rapazes com idades compreendidas entre os quinze e os dezoito anos. É uma idade difícil, mas temos de reconhecer que é também a idade mais maravilhosa da vida de uma pessoa.

Para caracterizar em poucas palavras a minha presença no Escutismo, devo apontar duas preocupações fundamentais; a amizade e a exigência. Em primeiro lugar a amizade; não podemos esquecer que o jovem precisa de ter um amigo (ou mais) em quem possa confiar. Deste modo, a minha presença pretende ser como a de um irmão mais velho em quem se tem confiança. Em segundo lugar a exigência. Uma amizade sem exigência não é amizade e um dirigente que não seja exigente não faz bom Escutismo.

«Os escuteiros serão o que forem os seus chefes». É um velho ditado que eu tenho sempre presente. Não significa que pretenda fazer dos escuteiros pessoas iguais a mim, significa antes que a coerência de vida e o empenho pelos outros que procuro ter, são um ponto de referência para a vida daqueles rapazes que me têm como seu dirigente.

Os Agrupamentos de escuteiros não podem ser uma espécie de quartéis de jovens ligados às Paróquias. É um erro e um mau serviço deixar um jovem fazer a sua promessa de escuteiro sem primeiro lhe apontar, com o tempo necessário, a exigência do ideal escuta, para que possa escolher com liberdade e responsabilidade a pista que lhe é apontada.

Se me perguntarem se a minha presença no Escutismo tem alguma coisa a ver com a Pastoral, eu direi que sim. Aliás, penso que o dirigente escuta deve ter preocupações pastorais. Esta preocupação pode e deve traduzir-se de várias formas. Passo a dar um exemplo: No ano passado, no início da Quaresma, comecei a pensar nas perspectivas das actividades do Agrupamento para as férias da Páscoa. Depois de pensar, reuni os dirigentes e sugeri um «Acampamento apostólico». Acharam «gira» a ideia. Os rapazes, depois de explicado o objectivo, também ficaram entusiasmados e logo começaram os preparativos; ensaio de uma peça de teatro, encenação de quatro parábolas do Evangelho, construção de archotes com paus, latas, serradura e petróleo, e de um crucifixo com paus e corda, preparação de slaides para uma projecção e escolha de textos da Sagrada Escritura para reflexão e oração.

Na primeira semana das férias da Páscoa, lá estávamos nós acampados na Moita do Poço (uma aldeia do sopé da Serra dos Candeeiros), para realizarmos o Acampamento apostólico que deveria durar quatro dias.

Durante o dia confeccionávamos e tomávamos as refeições e fazíamos passeios para conhecer a zona. À noite tinhamos o respectivo serão com as pessoas da aldeia para lhe oferecermos tudo o que tínhamos preparado: a peça de teatro sobre a família no nosso tempo, a projecção de slaides sobre o Movimento escutista, as representações das parábolas, uma Via Sacra pela estrada da aldeia com o respectivo crucifixo e os archotes acesos, as leituras e reflexão de textos da Sagrada Escritura e as orações. Tudo isto repartido por três serões.

A alegria e o entusiasmo foi geral. Os rapazes estavam animados e as pessoas da aldeia foram muito acolhedoras, ao ponto de no último dia de campo oferecerem um lanche a todos os escuteiros. Feita a avaliação, dirigentes e escuteiros consideraram muito positiva aquela actividade e é por isso que este ano o Acampamento já está a ser preparado para ser feito noutra localidade.

Uma das maneiras de aprofundar e viver a fé, é testemunhá-la. Deste modo, aquele acampamento foi proveitoso tanto para as pessoas da Moita do Poço, como para os rapazes que com os seus meios e métodos escutistas testemunharam a sua fé.

Ajudar os homens a serem homens é missão da Igreja. E é essa a missão do dirigente-escuta ocupando-se dos mais novos.»

J.A

Estes são testemunhos de alguns colegas, que ilustram a nossa caminhada para o Sacerdócio Ministerial. A iniciação Pastoral é apenas um dos pólos da nossa vida de comunidade de Seminário, que é uma comunidade eclesial de formação, sendo este pólo completo com a formação espiritual e o estudo da Teologia.

F.A

A orientação pastoral

Das normas fundamentais para a formação sacerdotal nas Dioceses Portuguesas

«toda a educação dos candidatos deve tender para a formação de verdadeiros pastores de almas»

Normas, n.º 19

I — O que se deve entender por orientação pastoral

Quando hoje se fala de pastoral ainda é frequente pensar-se que por esta realidade se entende todo um conjunto de actividades essencialmente práticas, que se contrapõem às actividades essencialmente teóricas, como são a teologia e seus derivados menores. Dizer-se que alguém se dedica à pastoral significa, na grande maioria dos casos, que trabalha numa comunidade de base territorial em actividades de tipo paroquial. Ter experiência pastoral é, por excelência, ter passado por uma paróquia e aí ter desenvolvido acção mais ou menos variada. Quando muito, concede-se que também sejam susceptíveis de gerar experiência pastoral a passagem por certos movimentos eclesiais de preferência dedicados ao apostolado ou evangelização directa. Fora disto, só por excepção se admite que se fale de experiência pastoral.

Ensinar e investigar teologia ou Escritura; ser formador de padres em seminário; trabalhar num dos gabinetes da cúria diocesana; presidir a um secretariado técnico ou orientar um serviço diocesano, isso não é pastoral, nem aqueles que por lá passam podem invocar qualquer currículo pastoral.

É por demais evidente que não é a este nível, empírico e redutor, que se entende aqui a orientação pastoral da formação dos candidatos ao sacerdócio. Um seminário com orientação pastoral não é, com certeza, um seminário todo voltado para o exterior, organizado em função da experimentação paroquial em comunidades variadas. Há certamente lugar para tal experimentação no decurso do currículo seminarial, mas não é dessa maneira que aqui se entende orientação pastoral.

Trata-se antes, como irei documentar, de cultivar no candidato aquelas atitudes de vida, aqueles hábitos operacionais e aquelas virtudes espirituais que o capacitarão para assumir um verdadeiro comportamento sacer-

dotal onde quer que venha a ser chamado a servir. Por outras palavras, direi que se trata de cultivar no seu espírito uma personalidade pastoral que depois se explicite nas tarefas que o futuro padre for chamado a assumir.

Assim sendo, a orientação pastoral da formação para o sacerdócio não será prioritariamente a resultante duma prática exterior que vai sendo interiorizada e que definirá no futuro uma personalidade, mas é antes a resultante dum trabalho de cultivo interior de qualidades e valores evangélicos, que depois se exteriorizarão nas áreas, quaisquer que elas sejam, em que o bispo colocar o futuro padre.

Mais concretamente, podemos ler, no n.º 106 das Normas, que «esta formação pastoral deve cultivar, no futuro presbítero, aquelas qualidades e disposições básicas que o predisponham para este serviço de acolher e dirigir, como pastor, os cristãos e as comunidades».

Tal objectivo, extremamente vasto e comprometedor, deve envolver um conjunto de actuações em áreas muito diversificadas, desde a psicologia à sociologia, desde a dogmática à moral, desde a cultura física à espiritualidade. Daí que me pareça interessante proceder por partes, tentando determinar os diversos perfis que se podem detectar nas Normas quando à definição da personalidade pastoral do futuro padre.

II — Os diversos perfis

1. *Perfil moral.* Podemos começar por ler, à este respeito, o que diz o n.º 18: «O ministério pastoral deve inserir-se na harmonia duma personalidade realizada. É importante que o padre seja um homem amadurecido, realizado e feliz». Tal maturidade sugere-se, no n.º 17, que se adquira pelo exercício de certas virtudes mais conformes com a vocação visada: a bondade, o acolhimento, a sinceridade, a persistência, a coragem, a simplicidade e a sobriedade, a delicadeza e o amor à verdade.

Por outro lado e na perspectiva do ministério que é chamado a exercer como animador de comunidades, apontam-se, no n.º 109, os seguintes traços: «espírito de iniciativa, capacidade para trabalhar em equipa, saber pedir e repartir responsabilidades, superar todo o género de partidarismos».

Finalmente poder-se-ia ainda acrescentar aquelas notas que ressaltam do n.º 134 e que assim completam o retrato moral do futuro padre: «estabilidade de espírito, capacidade de tomar decisões ponderadas e reflectidas, justa apreciação dos acontecimentos e dos homens; tudo isto supõe um carácter disciplinado, força de espírito e a estima de virtudes tais como a lealdade, a preocupação constante pela justiça, a fidelidade às promessas feitas, a delicadeza, a modéstia e a caridade».

2. *Perfil intelectual.* Também na definição do perfil intelectual do futuro padre se pode perceber a orientação pastoral que preside à sua formação. Aqui se relevam alguns traços desse perfil:

Serão homens do seu tempo, diz o n.º 31, com um entendimento sólido e coerente do homem, do mundo e de Deus e dotados de espírito crítico e capacidade de acolhimento e de escuta.

Deverão também ser homens de diálogo e de reflexão, capazes nã só de

estabelecer pontes entre o património cultural cristão e a cultura contemporânea, mas também de iluminar com a sua fé os principais problemas da existência humana (cf. n.° 30).

Serão homens abertos ao pluralismo cultural próprio da nossa época e que se faz sentir também no campo da Teologia, anota o n.° 46. Tal pluralismo não exclui sequer o diálogo com os não-crentes com quem são convidados a estabelecer «um intercâmbio inteligente de ideias sobre questões essenciais, que tocam de perto tanto a sua fé pessoal como os mais candentes problemas do mundo», lê-se no n.° 33.

Serão teologicamente competentes já que, diz o n.° 39, «a evolução da sociedade, criando condicionalismos completamente novos na maneira da Igreja se relacionar com o mundo, as transformações internas da própria Igreja e os problemas novos que daí surgem, as sempre novas exigências culturais dos homens a quem a Igreja dirige a sua mensagem, exigem do clero alto nível de preparação teológica».

3. *Perfil espiritual.* O perfil espiritual do padre diocesano não resulta de qualquer espiritualidade particular, mas mergulha as suas raízes na Pessoa e no mistério de Jesus Cristo. Este cristocentrismo da formação espiritual encontra-se bem sublinhado no n.° 73 das Normas que o caracteriza nas seguintes etapas: a iniciativa primeira é de Cristo que escolhe: o padre é um eleito que responde a uma vocação de Cristo e com ele se procura «configurar». Como diz o mesmo número: «precisam eles próprios — os padres — encontrar em Cristo, como luz e como força, a verdadeira razão de viver e o modelo de humanidade a seguir, habituando-se a aderir a Cristo por uma participação íntima de toda a sua vida».

Neste esforço de configuração com Cristo Sacerdote o futuro padre é convidado a adoptar as atitudes existenciais e a buscar as mesmas assiduidades que o próprio Cristo. Assim, será um homem orante, capaz de ouvir e compreender a Palavra num clima de silência interior (cf. n.° 74) e por um equilíbrio entre a oração paticular e a oração comunitária (n.° 76); será um homem de espírito eucarístico entendendo este sacramento como «o ponto culminante e a fonte de toda a vida cristã» (cf. n.° 78); será um homem penitente, ou seja, um homem que busca «uma conversão mais plena em cada dia, a purificação do coração, a virtude da penitência no esforço de uma vida vivida de acordo com a Cruz de Cristo» (cf. n.° 80); será um homem de ascese capaz de aceitar sem medo que ela é condição de comunhão real com Cristo e da sua imitação numa sincera obediência, numa pobreza voluntária e num celibato abraçado por vocação de amor e serviço do Reino (cf. n°s. 81, 90, 96, 98); será um homem de profundo sentido da Igreja local, através duma fraterna união ao Bispo e ao Presbitério e do testemunho de santidade que deve dar às comunidades a que preside (cf. n.° 86); será ainda um homem com espírito ecuménico e missionário capaz de alargar as fronteiras do Reino sem quebra da unidade entre as diversas Igrejas já fundadas ou a fundar (cf. n.° 15 e 16); por fim as normas convidam-nos a juntar mais este traço para a definição do perfil espiritual do futuro padre: será um homem de piedade marial entendida como «mais um caminho de descoberta do mistério de Cristo e de plena identificação com Ele e com a

contínua realização do desígnio de Deus» (cf. n.° 88).

4. *Perfil doutrinal.* Julgo, porém, que importa realçar também a caracterização teológica do futuro padre que as Normas nos apresentam. Em jeito de afirmação dogmática, podemos ler no n.° 11: «a especial participação no sacerdócio de Jesus Cristo é o elemento essencial específico do sacerdócio ministerial». A partir deste princípio inspirador podemos destacar das Normas algumas notas para a definição do perfil teológico ou doutrinal do futuro padre. A saber:

Pastores para um povo sacerdotal: «à imagem de Cristo sacerdote supremo e eterno, são consagrados para pregarem o Evangelho, para serem pastores dos fiéis e para celebrarem o culto divino como verdadeiros sacerdotes do Novo Testamento; podemos ler no número 11 já citado. Mas é o n.° 12 que põe em realce a ordenação mútua do sacerdócio comum dos fiéis e do sacerdócio ministerial e hierárquico dos futuros padres quando diz, citando a Presbyterorum Ordinis n.° 2: «É pelo ministério dos sacerdotes que se consuma o sacrifício espiritual dos cristãos, em união com o sacrifício de Cristo, único Mediador, oferecido em nome de toda a Igreja na Eucaristia, pelas mãos dos sacerdotes, de maneira não sangrenta mas sacramental, até que venha o próprio Senhor».

Colaboradores da Ordem Episcopal. Este segundo traço situa o padre numa relação muito íntima com a ordem episcopal de cujo sacerdócio participa e cuja responsabilidade pastoral partilha. O número 13 das Normas diz assim: «os futuros padres devem ser formados para a sua relação com o Bispo no seio do presbitério diocesano, habituando-se a respeitar nele a autoridade de Cristo, Pastor supremo. Preparar-se-ão para serem os seus mais fiéis colaboradores, criando com ele uma união que será a fonte da própria unidade do Povo de Deus.»

Membros do Presbitério. «Para o padre, a união ao Bispo prolonga-se na unidade de um mesmo presbitério», diz o n.° 13 e acrescenta citando a P.O. n.° 8 «pelo próprio facto da sua ordenação que os fez entrar na ordem dos presbíteros, os sacerdotes estão intimamente unidos entre si pela fraternidade sacramental». Tal traço resulta da própria natureza do sacerdócio ministerial que é a concretização dum único e mesmo ministério — o de Cristo — e visa uma finalidade única: a edificação da Igreja como o Corpo de Cristo.

Paternidade pastoral. Pelo sacramento da ordem diz o n.° 20, os padres adquirem no meio do Povo de Deus e em favor do mesmo Povo, uma função eminente de pastores, pais e doutores. Tal situação não é uma vantagem nem um poder, mas, como diz o n.° 21, um ministério que pede deles que sejam, simultaneamente «modelos» e «bons pastores» do rebanho. Tal ministério encontra a sua expressão em três momentos peculiares da vida do padre, enquanto ministro da Palavra, enquanto ministro dos sacramentos e enquanto presidente da comunidade, (cf. n°s. 22, 23 e 24).

5. *Perfil pastoral.* Traçar aqui o perfil pastoral do futuro padre pode parecer redundante, todavia a imagem do pastor pode revestir várias expressões e vale a pena realçar os traços com que as Normas a apresenta.

Servidor das pessoas e das comunidades. Pelo sacramento da Ordem é conferido ao padre um poder sobrena-

tural que é participação no poder real de Jesus Cristo, Cabeça e Senhor da Igreja, que Ele exerceu como Bom Pastor, fazendo-se servidor de todos (cf. n.º 105).

Disposições básicas de Pastor. Sob este item o n.º 106 apresenta as seguines: «sentido sobrenatural do poder que lhe foi conferido pela imposição das mãos; visão eclesial desse poder e do seu exercício, que exige a comunhão com toda a Igreja, manifestada na comunhão com o Bispo e com o Presbitério; espírito de acolhimento e diálogo, capacidade de escutar os outros e de se abrir, com caridade cristã, aos diversos problemas dos homens; uma verdadeira atitude de serviço, que não exclui o sentido da responsabilidade por esta função pastoral».

Capacidade para o exercício do ministério nas circunstâncias concretas da nossa sociedade em mutação e para enfrentar situações sociologicamente diferenciadas.

Verdadeira solicitude sacerdotal para com todos, podemos ler no n.º 135 e ainda a capacidade de aceitar alegre e humildemente a realidade de se inserir nela, são mais dois traços que completam o perfil pastoral do futuro padre, segundo as Normas.

III — Princípio unificador.

Depois de um elenco, tão vasto, de exigências feitas ao futuro pastor o leitor pode sentir-se um pouco perdido nesta selva de perfis. Todavia, o mesmo documento adianta a solução quando nos sugere, no n.º 18, um princípio unificador de toda a formação. Aí podemos ler textualmente:

«É importante encontrar e valorizar aquelas dimensões que possam ser o princípio unificador de toda a formação: a vida espiritual, uma crescente configuração com Cristo, a inserção na Igreja diocesana, a experiência pastoral ou a vida no Seminário como comunidade eclesial».

Trata-se assim de encontrar o eixo à volta do qual gravite toda a vida do futuro pastor nas suas variadas expressões. Esse eixo é, naturalmente, Jesus Cristo, cujo ministério se prolonga na Igreja de que Ele é a Cabeça, Sumo Sacerdote e Bom Pastor e com quem o padre é chamado a configurar-se (cf. n.º 9). «Aderir a Jesus Cristo é, ao mesmo tempo, o critério, o caminho e o objectivo final de toda a formação sacerdotal. Ela tem de ser profundamente cristocêntrica».

IV — Conclusão.

Creio poder finalizar este trabalho concluindo que a orientação pastoral das Normas, manifesta nas opções que elas sugerem quanto ao tipo de padre que preconizam, é sobretudo um percurso interior capaz de plasmar, na adequação às mais variadas circunstâncias em que fôr chamado a servir, o tipo de pastor que aí urge ser, em fidelidade ao único modelo, que é Jesus Cristo.

Não se faz a formação sacerdotal em função dum modelo rígido e único de padre, mas apenas em função do Modelo que é Jesus Cristo do qual cada um é chamado a aproximar-se no exercício do ministério concreto a que foi chamado.

Carlos Paes

Algumas reflexões acerca do Seminário Maior, a partir das «Normas Fundamentais para a formação sacerdotal nas dioceses portuguesas

A Conferência Episcopal Portuguesa, depois de longo e árduo trabalho, aprovou e acaba de publicar as «normas Fundamentais para a Formação Sacerdotal nas Dioceses Portuguesas», Normas que, no devido tempo, foram também aprovadas pela competente Congregação Romana.

A partir desta data dispõem os Seminários Maiores portugueses da sua carta magna, verdadeiro estatuto da sua vida e acção, segundo o pensamento do Supremo Magistério da Igreja e dos Bispos Portugueses.

Querendo Novellae Olivarum **publicar este seu número dedicado ao acontecimento, achou, e muito bem, que não podia faltar uma reflexão sobre o Seminário Maior como meio de formação sacerdotal.**

As linhas que vão seguir-se pretendem, com bastante imperfeição, satisfazer esse objectivo.

1. A dupla fidelidade

Antes de outras palavras quereria, desde já, sublinhar um princípio que julgo fundamental na vida e acção de qualquer seminário maior e que, de uma forma ou de outra, aparece repetidas vezes no texto das Normas Fundamentais.

Estou a referir-me à preocupação que os Seminários Maiores hão-de ter constantemente, por um lado com as orientações do Magistério da Igreja expressas nos documentos conciliares, pontifícios e episcopais, e por outro com a realidade concreta das Igrejas particulares e do mundo em que se encontram.

É que formar padres não é uma actividade abstracta, é trabalho muito situado em época do mundo e da Igreja e em tempo preciso de cada diocese.

Quanto à primeira «fidelidade» ela há-de levar à descoberta das grandes orientações da Igreja para a formação sacerdotal, sem nunca lhes matar ou tolher o dinamismo, que auferem na própria Palavra de Deus, que é sempre princípio de vida.

No campo da formação sacerdotal é à Igreja que cabe, antes de mais ninguém, dizer como há-de ser o Padre segundo os desígnios de Deus.

Também aqui ela é a verdadeira e suprema interpretadora da Revelação divina.

Por isso mesmo qualquer Seminário Maior, bem orientado, há-de começar por estudar, entender e assimilar os grandes princípios ou orientações do Magistério da Igreja para a formação sacerdotal e informar toda a sua vida com a luz e dinamismo daí resultantes.

Simultaneamente os Seminários Maiores hão-de ter igual preocupação em auscultar, ouvir e entender as Igrejas Particulares a que pertencem e em cujo serviço se encontram.

Cada Igreja Particular tem vida própria, com as suas virtudes e com os seus defeitos.

Há em cada uma anseios conseguidos e há-os não realizados. Nota-se umas vezes facilidade na resposta aos apelos do Espírito de Deus, que exige sempre maior doação e serviço do Evangelho e noutras vezes aparecem as dificuldades em responder a esses chamamentos, cedendo-se à instalação ou à rotina.

Os Seminários Maiores, meios privilegiados para a formação dos Padres, só o podem ser, se por um conhecimento, tanto quanto for possível, completo e concreto, fizerem suas as alegrias e tristezas das dioceses que servem. Repito, os seminários não estão a formar padres para qualquer tempo ou lugar, formam-nos para Igrejas Particulares e épocas da história muito concretas.

2. O Seminário instituição privilegiada e necessária

Lendo com atenção o texto das *Normas Fundamentais*, particularmente o seu capítulo VII, não restam dúvidas de que o Seminário Maior é uma instituição privilegiada para a formação dos padres, privilegiada e necessária, diz o texto.

Acrescente-se já que ao falar de Seminário não se entende uma única modalidade, aquela em que a maioria dos padres e bispos de hoje foram formados. Essa modalidade, de uma única casa, com um único regulamento e com uma única equipa de educadores, ao mesmo tempo professores, não é já a única modalidade, mesmo entre nós. Outras surgiram e, por vezes, bem diversas. Há Seminários que são apenas residências e casas de formação humana, espiritual e pastoral; há Seminários que se organizam dividindo os seminaristas por pequenas comunidades instaladas em paróquias, acompanhadas dos seus educadores, frequentando, em Universidades ou Institutos, os mesmos estudos e reunindo-se, de tempos a tempos, para reverem o seu trabalho à luz dos mesmos princípios e critérios de formação. E outras modalidades há ainda, além das supracitadas. Estou a referir-me, bem entendido, a experiências devidamente programadas e autorizadas.

Seja esta ou aquela a modalidade, o fundamental é que o trabalho desenvolvido garante as duas «fidelidades» acima referidas e que se faça com unidade e acerto de critérios.

Não admira que haja diversas modalidades de Seminário Maior, sempre as houve na Igreja. A quase uniformidade só se obteve a partir do Concílio de Trento com a criação do tipo de Seminário que todos conhecemos. Já antes do Concílio de Trento a Igreja formava padres e tinha os meios para o fazer, mesmo sem lhes chamar Seminários. E eram bem diferentes dos seminários tridentinos.

Dadas, porém, as exigências da formação sacerdotal quanto à espiritualidade, à celebração da Liturgia, ao estudo da Filosofia e da Teologia e ao estudo e iniciação à pastoral, não restam dúvidas de que não é qualquer modalidade de Seminário Maior que serve. Só convirá aquele que, em pessoas, critérios, ambiente e dinamismo, garanta que se alcançam os objectivos propostos pela Igreja e agora apresentados oficialmente às dioceses portuguesas pela nossa Conferência Episcopal.

Se em épocas da História se formaram padres em condições precárias e por vezes bastante pobres de meios, não poderá assim acontecer nos nossos dias em que as exigências dos homens a evangelizar são tão grandes e complexas.

Um Seminário Maior bem organizado, com pessoas e meios necessários e dotado de clima evangélico é, sem dúvida, meio privilegiado e necessário porque só ele permite um trabalho respeitador das exigências da Igreja e dos tempos actuais.

3. O Seminário Maior a quem se destina?

Se é certo que durante toda a vida o cristão vai fazendo o discernimento daquilo que Deus lhe pede, porque Deus não chama apenas uma vez, chama sempre, também é certo que um Seminário Maior só pode funcionar correctamente se os seminaristas, ao entrarem nele, tiverem feito já uma caminhada segura no seu amadurecimento humano e cristão e no discernimento da sua vocação pessoal.

Só assim o Seminário Maior pode preocupar-se predominantemente com a formação sacerdotal, porque supõe que a formação humana e cristã do generoso candidato ao sacerdócio vai já adiantada.

É, por isso, que as Normas ao definirem o Seminário Maior dizem que ele se destina aos «candidatos que, após um período de amadurecimento e discernimento vocacional, optaram seriamente pelo ministério sacerdotal... (n.º 116).

Pode, pois, concluir-se pela grande importância da pastoral das vocações, na sua dimensão de as fazer despertar, e principalmente na dimensão de as ir cultivando e desenvolvendo, como se pode concluir igualmente pelo valor dos Seminários Menores, dentro dessa mesma pastoral das vocações, como diz o texto das Normas no seu último capítulo. Sejam os Seminários Menores, sejam outras modalidades de acompanhamento dos jovens que querem ser padres, tais como os grupos vocacionais, a ajuda pessal individual, ou outra, o que é importante é a formação que efectuam.

É dela, em grande parte, que depende o Seminário Maior. Este vem depois desse trabalho de descoberta de vocações, de discernimento e de formação, até que possam fazer uma opção séria pelo ministério sacerdotal.

Perante esta orientação do texto das Normas, pode afirmar-se que muito

há a caminhar para garantir o necessário neste período anterior à entrada no Seminário Maior e para assegurar que não se precipitem os acontecimentos nem as decisões.

Depois, pode concluir-se ainda que o próprio Seminário Maior há-de, de alguma forma, acompanhar esse trabalho de preparação para garantir que ele se vai fazendo com os critérios exigidos.

4. Seminário Maior — Comunidade verdadeiramente cristã, formada por vocacionados ao ministério sacerdotal

Do que fica escrito anteriormente, ressalta que o Seminário Maior é formado por possoas que «optaram seriamente pelo ministério sacerdotal», depois de um período de amadurecimento. É por isso uma comunidade de cristãos que se têm como vocacionados ao ministério sacerdotal. O discernimento continuará a fazer-se, por certo, mas à partida há sinais sérios da parte do candidato, reconhecidos por quem o acompanha, de que é chamado ao ministério sacerdotal.

Ficam excluidos, portanto, aqueles casos em que não se fez esta opção séria, em que não há sinais seguros, em que não se caminhou ainda o suficiente, em que se iria para o Seminário Maior só para ver como se reagiria...

Da seriedade, neste ponto, depende muito a vida e seriedade dos Seminários Maiores. Não estou a defender rigorismo, estou a propôr, segundo as Normas, seriedade proporcionada.

Supondo, portanto, este ponto aceite, o Seminário Maior há-de ser, para formar verdadeiramente padres, uma comunidade cristã, animados dos seus próprios dinamismos. E ao afiramar isto, na linha do que se encontra em tantos passos das Normas, estou a afirmar um dado fundamental da formação sacerdotal.

Para que se preparem padres é preciso que haja primeiramente verdadeiros cristãos. Estes são a matéria prima dos verdadeiros padres. Quer isto dizer que os Seminários Maiores hão-de garantir a progressiva realização dos cristãos que acolhem no sentido do ministério sacerdotal. E isto não se faz sem vida comunitária vivida com generosidade, fé e alegria.

Quantos Seminários Maiores não se encontram, por esse mundo além, onde o amolecimento, a rotina, os critérios pouco evangélicos, o individualismo, a falta de calor humano e de chama apostólica, nos deixam no espírito a amarga dúvida, se serão comunidades cristãs! E não se formam cristãos e muito menos cristãos para o ministério sacerdotal, sem vida comunitária. E uma comunidade cristã é aquela que é formada por pessoas que descobriram Jesus Cristo, O conheceram, O escolheram e com Ele e por Ele vivem a sua vida, partilhando-a com os seus irmãos. É comunidade cristocêntrica e por Cristo comunidade teocêntrica. É comunidade cujos passos se orientam pela Palavra de Deus, em conhecimento progressivo; é comunidade que celebra os mistérios da fé e que, no dia a dia, comunica ao irmão, em obras vivas de testemunho, o amor recebido de Deus.

A comunidade cristã é aquela que se abre aos constantes apelos do Espírito, em crescente ou, pelo menos, em renovada generosidade e sempre com

a preocupação de que o Reino de Deus cresça.

Perante estes rápidos traços da comunidade cristã, fico-me a pensar quantos serão os Seminários Maiores verdadeiras e dinâmicas comunidades cristãs!

Creio que há muito a fazer-se neste capítulo.

Por vezes os Seminários Maiores não são comunidades porque aqueles que neles entram não descobriram antes a dinâmica comunitária; às vezes porque não se respeitaram as exigências do amadurecimento e da tomada de decisões; em outros casos porque não há educadores formados para o trabalho assim entendido; outras vezes porque se pensa que basta o jovem fazer os anos de Seminário Maior e aparecerá o padre de que a Igreja necessita; outras ainda porque os educadores já estão cansados, resignados e em parte descrentes do seu próprio trabalho e não há quem os substitua...

Quantas razões a justificarem uma situação, que nem sempre serve o que se deseja e pede.

Creio que é neste ponto, o de os Seminários Maiores serem verdadeiras comunidades de cristãos convertidos e alegremente a caminho de uma conversão sempre maior e mais profunda, que reside um dos problemas maiores da formação sacerdotal. Penso que nós, os bispos, temos de fazer novos esforços para que os Seminários Maiores tenham melhores condições, em pessoas, meios e ambiente para se tornarem em verdadeiras comunidades cristãs.

Mas esta comunidade cristã — Seminário Maior — é de pessoas que optaram seriamente pelo sacerdócio. E, por isso, a vida ali vivida tem toda ela de ser informada por esta realidade. E tudo quanto no Seminário Maior se faça há-de efectuar-se com a preocupação última de formar os pastores necessários ao Povo de Deus.

O estudo e meditação da Palavra divina, as celebrações litúrgicas e a vida fraterna, bem como a actividade pastoral fora do Seminário, tudo há-de estar informado da preocupação de preparar padres. E esta preocupação dá unidade à vida de cada um e da própria comunidade. Cristo Sacerdote-Pastor é o Centro da vida e actividade do Seminário Maior.

Quantas exigências põe este trabalho! Que preparação, agilidade intelectual e espiritual, frescura de espírito, não são ncessários aos educadores para serem a «forma gregis», que lhes está confiado. Se não acontecer, como até aqui se apontou, quantos problemas se levantam e agravam.

5. O Seminário Maior há-de estar bem integrado na sua Diocese e muito atento à vida dos homens de cada tempo

O Seminário Maior é da Diocese e para a Diocese. Ela o criou, ela o mantém. Dele espera os padres de que vai precisando.

É fundamental esta relação de pertença e de serviço. Só com ela se pode fazer um trabalho certo, seguro e tranquilo. Quando assim não acontecer, há perturbação. Quando a Diocese não reconhece o seu Seminário Maior nem o Seminário se sente reconhecido e acolhido, a formação fica prejudicada e profundamente abalada.

O alheamento ou a desconfiança ou a crítica azeda, não nascida, portanto, do amor, inutilizam muitos dos bons efeitos da actividade do Seminário Maior. Só em clima de interesse, de respeito, de verdade e de amor da parte da diocese é que um Seminário Maior pode trabalhar.

Havemos de concordar que, no geral, ainda se está a sair de um período em que os Seminários Maiores foram pouco conhecidos, compreendidos e amados. Não se entendeu bem a vida que passaram a viver e o que aparecia nem sempre foi edificante. Foi tempo de transição e transformação, com os seus acertos e desacertos, mas também foi tempo em que nem sempre se atendeu suficientemente à necessidade da informação ao Povo de Deus e aos seus Presbitérios.

Os Seminários Maiores fecharam-se, muitas vezes, na defesa dos seus novos caminhos, que julgavam os melhores, mesmo sem terem sido sempre confrontados como parecer do Povo de Deus, o que foi um mal.

Há que caminhar rapidamente e tudo efectuar para que se crie à volta de cada Seminário Maior um clima de aceitação, interesse e colaboração, que supõe sempre, repita-se, a necessária informação e a legítima corresponsabilidade.

As numerosas oportunidades de a Diocese estar no seu Seminário Maior e do Seminário estar na vida e actividades da Diocese não devem ser nunca descuradas. Esta permuta é de um alto valor, principalmente com os sacerdotes dos Presbitérios diocesanos.

Mas o Seminário Maior há-de estar também atento à vida dos homens que vivem e lutam nos diferentes sectores da vida da sociedade. Serão eles amanhã os colaboradores e companheiros de missão dos novos sacerdotes e sempre irmãos a ajudar na descoberta de Jesus Cristo. O Seminário Maior isolado do mundo dos homens não tem sentido. O Seminário Maior está a formar padres, pastores e apóstolos para a Igreja que vive e peregrina no mundo como sinal-sacramento de salvação. Como hão-de amanhã anunciar o Evangelho do Senhor Jesus Cristo, de forma adequada e adulta, se não foram crescendo com critérios seguros e objectivos no conhecimento dos homens e das suas actividades?

A capacidade crítica amadurecida não se forma de um para outro dia, nem se forma no abstracto. Forma-se no concreto das diferentes situações da vida. Os verdadeiros educadores de padres é que hão-de ir proporcionando essa formação para o futuro ministério sacerdotal.

Creio que se andou muito neste campo e bastante bem, mas há que fazer uma cuidada revisão e descobrir a verdadeira síntese entre o que se fazia e aquilo que se introduziu de novo. É este capítulo muito importante na formação sacerdotal.

Só com soluções equilibradas é que se garantirá a formação de padres dotados de maturidade e prudência e igualmente de chama missionária, como a Igreja tanto necessita.

Conclusão

Se os Seminários Maiores tomarem com renovado vigor e entusiasmo o trabalho da formação dos novos padres, segundo o espírito e as orientações das Normas Fundamentais agora publicadas, e tudo indica que assim

acontecerá, as Dioceses portuguesas poderão olhar o futuro com firme esperança.

Os nossos padres terão capacidade de sentir e entender os problemas que às suas Dioceses se levantam e de colaborar com espírito evangélico na sua solução.

A experiência efectiva de verdadeiras comunidades cristãs, que foram os seus Seminários, facilitará o aparecimento de mais numerosas *equipas sacerdotais,* tão necessárias para solução de diferentes problemas dos sacerdotes e para o incremento da acção pastoral.

E essa mesma experiência comunitária do Seminário impulsioná-los-á a incentivar e a apoiar, no seu campo de trabalho, o esforço dos cristãos por se tornarem autênticas comunidades de discípulos de Jesus Cristo, que partilham a fé, a oração, o amor fraterno e o entusiasmo pelo anúncio do Evangelho.

E o número daqueles que optarem seriamente pelo ministério sacerdotal, crescerá.

D. João Alves, Bispo de Coimbra

Notas de cultura portuguesa

Os Papas em Portugal

Quando Portugal nasceu, a Cristandade vivia a era das Cruzadas. Tratava-se, primeiramente, de retomar os Lugares Santos da Palestina, que os muçulmanos tinham ocupado séculos antes. Mas este objectivo alargava-se também à reconquista dos territórios cristãos ibéricos, que os mesmos muçulmanos tinham conquistado no princípio do século VIII: era a Cruzada do Ocidente.

D. Afonso Henriques, filho dum cruzado que viera da Borgonha para a nossa península, gastou a maior parte da sua vida nesta empresa. Portugal nascia assim da Cruzada e na Cruzada cresceria. Reconheceu-o o Papa Alexandre III em 23 de Maio de 1179, na bula *Manifestis probatum est,* verdadeiro reconhecimento internacional da independência portuguesa:

«Alexandre, Bispo, servo dos servos de Deus, ao caríssimo filho de Cristo, Afonso, rei ilustre dos Portugueses e aos seus herdeiros. Para perpétua memória. Está demonstrado com provas manifestas que, através de esforços bélicos e aguerridas pelejas, tens sido um intrépido extirpador dos inimigos do nome cristão e um diligente propagador da fé cristã; e, como bom filho e príncipe católico, tens também tido variadas atenções para com tua mãe a santa Igreja, deixando aos vindouros um nome digno de louvor e um exemplo a imitar (...). Por isso Nós, reconhecendo a tua pessoa dotada de prudência e equidade, e portanto idónea para governar, te recebemos e ao reino de Portugal sob a protecção de São Pedro e Nossa, com todas as honras e dignidades próprias dos reis, concedendo-te, por virtude da autoridade apostólica, e confirmando-te na posse de todos os lugares que com o auxílio da divina graça conseguires arrancar das mãos dos sarracenos (...). Por tua vez, filho caríssimo, terás o cuidado de te conservar submisso e devotado à santa Igreja Romana, exercitando-te, conforme as circunstâncias o permitirem, na dilatação dos confins da fé cristã».

Na dilatação dos confins da fé cristã: este o mandato papal aos portugueses, na carta de reconhecimento da independência. E de que maneira se cumpriu! Na península, a nossa Cruzada continuou até à conquista do Algarve, em meados do século XIII, ou mesmo à batalha do Salado, no século seguinte. Veio o século XV, a Ínclita Geração e a epopeia ultramarina. Milhares e milhares de portugueses partiram desde então, e, com as ambiguidades de tudo o que é humano, foram executando aquele primeiro mandato.

Assim, a 8 de Janeiro de 1455, o Papa Nicolau V mandava-nos a bula *Romanus Pontifex.* Referia-se ao Infante D. Henrique que «vivamente

abrasado no amor da fé e no zelo da salvação das almas, como católico e verdadeiro soldado de Cristo (...) e como acérrimo e fortíssimo defensor da fé, aspirou ardentemente, desde tenra idade, a que o nome do mesmo gloriosíssimo Criador seja divulgado, exaltado e venerado por todo o universo, até aos lugares mais remotos e desconhecidos e outrossim a que os seus inimigos e adversários da milagrosa Cruz em que fomos remidos, quer dizer, os sarracenos e todos os outros infiéis, sejam trazidos ao grémio da fé». E, também quanto ao Oriente, a expansão seria obra de evangelização. De facto, continuava o mesmo Nicolau V, D. Henrique lançara-se a isso pensando «que prestaria neste ponto um relevantíssimo serviço a Deus, se por seu esforço e diligência tornasse o referido mar navegável até aos índios (...), de maneira que se pudesse entrar em comunicação com eles, e movê-los em auxílio dos cristãos contra os sarracenos».

Na bula de Alexandre III, era Portugal a nascer para a Cruzada; na de Nicolau V, quase trezentos anos depois, era Portugal a realizá-la no mundo.

E foi assim, século após século; despida depois do cariz militar, a evangelização pura levar-nos-ia aos novos continentes, numa gesta admirável de apóstolos e mártires. Quando o Papa Clemente XI, pela bula áurea *In supremo apostulatus solido,* de 7 de Novembro de 1716, criou o patriarcado lisbonense, levantou um símbolo da paternidade espiritual portuguesa em relação a tantas e tantas cristandades por esse mundo além.

Em 22 de Maio de 1979, o Papa João Paulo II presidiu em Roma, na igreja de Santo António dos Portugueses, à celebração do oitavo centenário da bula de Alexandre III. E o actual pontífice pôde então resumir o caminho histórico de Portugal na sua ligação à Sé de Pedro: «O que caracterizou essa caminhada em conjunto, talvez se possa sintetizar nisto: fidelidade à Igreja, Mãe e Mestra dos povos, da parte de Portugal, desde quando o seu primeiro Rei, pela carta *Claves Regni,* ofereceu à Igreja Romana a terra portugalense (alusão à carta de D. Afonso Henriques ao Papa, em 13 de Dezembro de 1143); e boa vontade, da parte da Santa Sé, que vai até conceder a Portugal o título de 'fidelíssimo' na pessoa dos seus soberanos (alusão à bula *Carissime in Christo,* do Papa Bento XIV a D. João V, em 17 de Dezembro de 1748). Nesta selecta representação, que veio hoje orar com o Papa, vejo a herança e a identidade de Portugal cristão, com antigas e renovadas fidelidades, com passadas e presentes aspirações (...). Na luz do passado, este grato encontro de hoje — Portugal do presente e o presente da Igreja na vossa pátria com o Sucessor de São Pedro — é propósito de continuidade na linha das vossas fidelidades (...). Que no viver e testemunhar a vossa opção por Cristo, continueis a ouvir o vosso épico (Camões) e 'muito façais na Santa Cristandade'».

Estes mesmo votos, repetiria depois o Papa, ao receber no Vaticano o nosso Presidente da República, a 16 de Maio do ano seguinte. E o Presidente Eanes responder-lhe-ia: «Está impregnada de Cristianismo a compreensão prevalecente do sentido actual da nossa vocação como povo. Os portugueses continuam a sentir-se impelidos ao diálogo e à convivência com todos os homens, e em particular com aqueles cujos anseios de independên-

cia e de progresso conhecemos melhor, em razão da partilha fraterna de uma linguagem comum e de laços humanos mais profundos que podem existir entre cidadãos de várias pátrias. Mas Portugal aprendeu igualmente, desde os seus primórdios, a admirar a Igreja como realidade social e fermento de História. Por isso nenhuma esperança de futuro com dimensão nacional se exprime entre nós sem referência à defesa da liberdade da pessoa e da solidariedade humana. Posso assim assegurar a Vossa Santidade que a Nação portuguesa se reconhece na interpretação conciliar de que não há desenvolvimento sem justiça, nem comunidade humana sem paz e sem cooperação entre os povos (...). As viagens de Vossa Santidade — como a que efectuou agora a um continente (a África) que temos por indissociável do nosso passado e do nosso futuro — fazem avultar a Igreja como 'sinal de fraternidade' e como apelo permanente ao consenso, ao diálogo e à tolerância num mundo de 'profundas divisões provocadas por conflitos políticos, sociais, económicos e raciais'. Beatíssimo Padre: O voto de Portugal é o de que as vossas peregrinações não só continuem a exaltar a Sé de Pedro e a mensagem cristã, mas possam também conduzir Vossa Santidade às terras da 'Nação Fidelíssima'».

Este voto cumpre-se agora. É o reencontro do ecumenismo cristão do Papa e de Portugal.

Pe. M. Clemente

Encontro dos responsáveis dos Seminários e Secretariados das Vocações

Organizado pela Comissão Episcopal do Clero, Seminário e Vocações, realizou-se em Fátima, de 28 a 30 de Dezembro último, uma reunião dos responsáveis dos seminários e secretariados das vocações.

O motivo imediato desta reunião foi a apresentação das Normas Fundamentais para a Formação Sacerdotal nas Dioceses Portuguesas, recentemente aprovadas pela Conferência Episcopal para todos os seminários diocesanos.

Presidiram à reunião os Senhores D. João Alves, D. José Policarpo e D. Augusto César, da Comissão Episcopal do Clero, Seminários e Vocações, estando inscritos 61 padres das equipas formadoras dos vários seminários do continente e ilhas.

No dia 28, depois de jantar, D. Augusto César apresentou o documento, historiando a sua génese e elucidando a sua estrutura. Foi uma primeira abordagem das Normas, cujo texto, aliás, só naquela altura foi distribuído aos padres.

No dia 29 de manhã, D. José Policarpo continuaria a reflexão, desenvolvendo a sua conferência na resposta às duas perguntas fundamentais: Que padre? Que formação sacerdotal?

Começou por sublinhar que o ministério do padre se integra no conjunto dos serviços eclesiais, e que, partindo do ministério de Cristo e do ministério geral da Igreja, se há-de coordenar com o múnus dos bispos e dos diáconos e com as atribuições laicais.

Reflectiu seguidamente sobre a santidade do padre. Santidade objectiva ou de consagração, que o sacramento da Ordem opera no presbítero; santidade subjectiva ou de resposta, concordância de coração com o ministério recebido e executado. Resumindo-se estas na união a Cristo, na participação da sua própria consagração ao serviço do Pai e dos homens; na vida à maneira de Cristo e da sua caridade pastoral; no prolongamento e exercício do único sacerdócio do Filho de Deus. Conclui-se assim pelo cristocentrismo sacerdotal: Cristo é o único modelo de pastor e de adorador do Pai.

Realçou de novo o que primeiro esboçaria: A Igreja toda é sujeito ministerial. Só a Igreja, Corpo de Cristo, exerce a totalidade do ministério do Filho de Deus. A grande servidora da salvação do mundo é a Igreja: os padres são seus membros e o seu serviço integra-se no ministério eclesial.

Também no serviço eclesial, releva o do bispo. É unindo-se ao ministério episcopal que o padre acede ao de Cristo. E, se é assim quanto ao centro, a mesma consideração de correspon-

sabilidade há que manter quanto aos ministérios laicais: que os padres os não considerem como expedientes práticos, mas como um direito ao exercício do sacerdócio comum dos fiéis, que, sendo essencialmente diferente do ministerial, não deixa de participar no grande serviço da Igreja.

Considerou missão sempre prioritária dos presbíteros a pregação da fé (Palavra e Sacramentos) e a presidência das comunidades. E que desta missão específica brota uma espiritualidade também própria do presbítero diocesano.

Seguiu-se o trabalho de grupos, à volta de algumas questões: harmonia entre formação humana e sacerdotal; convergência entre os aspectos intelectual, espiritual, litúrgico e pastoral na formação sacerdotal; como é que a dimensão pastoral há-de informar todas as outras no Seminário Maior; lugar da direcção espiritual e perfil do director espiritual; espiritualidade sacerdotal e espiritualidades particulares.

No plenário da tarde, cada porta-voz dos grupos de trabalho — eram 8 e cada um foi constituído com representantes de várias dioceses — apresentou as respectivas conclusões. Destas e do debate que se seguiu, presidido por D. José Policarpo, relevaram três pontos: que nesta reflexão houve pouco cabimento para a problemática específica dos seminários menores e médios; que em todos os seminários maiores se vai dando cada vez maior importância às actividades pastorais dos seminaristas; e, particularmente, a necessidade de o padre diocesano encontrar no seu ministério e na integração no presbitério a principal fonte da sua espititualidade, muito mais do que em qualquer movimento particular.

Caberia depois a D. João Alves desenvolver outro tema: Que Seminário?

Na sua exposição, definiu Seminário Maior como: *1)* A instituição «tradicional» privilegiada e necessária para a formação dos futuros padres; *2)* A instituição destinada a receber e a formar aqueles que, após o necessário tempo de ponderação, decidiram seriamente optar pelo ministério sacerdotal; *3)* A instituição que, na sua actividade específica — formação de padres — concretiza o projecto e programas da Igreja e do Bispo diocesano referentes a esse trabalho;*4)* A instituição que, na realização da sua missão, atende equilibrada e simultaneamente: a) à formação intelecutal-filosófica-teológica, b) à formação, c) à formação litúrgica, d) à formação pastoral; *5)* A instituição que, na sua actividade e vida, procura desenvolver o clima e dinâmica próprios de uma verdadeira comunidade cristã que, ao mesmo tempo, é uma comunidade educativa de futuros padres; *6)* A instituição que, para poder garantir uma autêntica formação sacerdotal, estabelece relações profundas de interesse, amizade e fé com a diocese, de modo a sentir-se efectivamente integrada nela e por ela tida como sua; *7)* A instituição que, para garantir uma completa formação sacerdotal, procura conhecer com lucidez os anseios, realizações, problemas e fracassos do mundo, de modo a ajudar os seminaristas a entendê-los com são espírito crítico; a poder ajudá-los a estabelecer com essas realidades contactos equilibrados e a poder ajudá-los na formação de uma consciência profundamente missionária.

Visando estes fins, os seminários terão de encarar os principais problemas que se levantam à generalidade

das dioceses portuguesas na sua actividade pastoral. D. João Alves sublinhou alguns deles: *1)* Deficiente e descontínua acção evangelizadora e catequética para o Povo de Deus; *2)* A acção sacramental muitas vezes sem a necessária catequese de iniciação; *3)* Descoordenação dos ministérios e serviços pastorais entre si e sua insuficiente integração na comunidade cristã; *4)* Falta, na maioria dos casos, das necessárias estruturas dinâmicas de corresponsabilidade; *5)* Generalizada situação de menoridade dos leigos e falta de competentes serviços para os ajudar a formar e a assumir as suas responsabilidades por inteiro; *6)* Fraca e por vezes inadequada animação espiritual do Povo de Deus, atendendo ao tempo de intensa renovação em que se vive; *7)* Lentidão, fragmentaridade e alguma timidez na concretização da renovação conciliar; *8)* Notória quebra do dinamismo missionário das comunidades cristãs, agora em lenta recuperação; 9) Insuficiente experiência e dinâmica comunitárias na grande maioria das paróquias e em bastantes dos organismos apostólicos.

Somam-se a estes, outros problemas que se põem à generalidade dos presbitérios portugueses: 1) Fraca consciência efectiva de que cada presbitério é uma comunidade eclesial, mesmo a mais responsabilizada em cada diocese; 2) Insuficiente dinâmica comunitária nos presbitérios, quer entre os padres, quer destes com os seus bispos e vice-versa; 3) Modestos efeitos da actividade dos Conselhos Presbiterais na animação da corresponsabilidade e na promoção da renovação pastoral; 4) Alguma falta de nitidez doutrinal, por vezes, acerca do que é específico do ministério sacerdotal; 5) Falta de serviços de formação teológico-pastoral permanente do clero, devidamente organizados para ajudar os sacerdotes, nesta hora de renovação conciliar; 6) Notório enfraquecimento da vida espiritual dos padres; 7) Não preparação pastoral e psicológica dos sacerdotes para trabalharem na Igreja com falta de padres e numa sociedade com as características da actual; 8) Persistência de numerosas manifestações de clericalismo; 9) Sobrecarga e grande desgaste da maioria dos sacerdotes; 10) Desalento pela falta de vocações sacerdotais; 11) Alguma insegurança, como o avanço da idade, quanto ao futuro no aspecto económico.

Desta análise, tirou o Senhor Bispo de Coimbra alguns aspectos prioritários a atender no trabalho e formação de futuros padres nos nossos seminários maiores: *1)* Que os seminários maiores procurem, com todo o empenho, ser verdadeiras comunidades cristãs, em que se torne efectiva a preocupação em seguir Jesus Cristo com o espírito das bem-aventuranças e seja possível a formação de padres para a Igreja e o mundo de hoje; *2)* Que no trabalho de formação de padres os seminários maiores procurem valorizar simultânea e equilibradamente as diversas facetas dessa formação intelectual, litúrgica, espiritual e pastoral; *3)* Que os seminários maiores inculquem nos seus seminaristas o sentido, o valor e a necessidade da renovação conciliar e que os ajudem a tomar consciência da importância da sua colaboração, uma vez sacerdotes, para a sua efectivação; *4)* Que os seminários maiores cuidem da educação do sentido de equilibrada corresponsabilidade, como um dos valores mais importantes da comunidade-seminário e mais necessários na acção pastoral da Igreja:

5) Que os seminários maiores ajudem os seminaristas a descobrir, conhecer e compreender os Presbitérios diocesanos na sua realidade objectiva e os estimulem a aprofundar a doutrina a seu respeito e a desejar pertencer-lhes para os ajudar na sua transformação segundo os critérios da Igreja; *6)* que os seminários maiores tenham uma efectiva participação na pastoral das vocações; *7)* Que os seminários maiores procurem garantir uma boa formação dos seminaristas no que se refere às diferentes modalidades da pastoral profética, uma vez que se situa, neste sector, uma das maiores necessidades do Povo de Deus; *8)* Que os seminários maiores garantam em cada seminarista, profundo conhecimento da vocação e missão dos leigos e proporcionem os necessários contactos com os organismos apostólicos existentes na diocese.

No dia 30 de manhã, os vários grupos reflectiram sobre este tema, à volta de algumas questões: 1) Como organizar a formação permanente dos padres dos seminários; 2) Como agir para que os seminários sejam cada vez mais verdadeiras comunidades eclesiais educadoras de padres para a Igreja e tempos actuais; 3) Como garantir a adequada colaboração entre o seminário e a escola de Teologia, para a formação sacerdotal; 4) Como conseguir a melhor integração do seminário na diocese; 5) Como ajudar os seminaristas a conhecerem o presbitério diocesano e a desejarem integrar-se nele para colaborarem, com humildade, na sua transformação; 6) Como garantir uma equilibrada iniciação pastoral dos seminaristas; 7) Que fazer para que os futuros padres vivam e promovam a corresponsabilidade, em particular na pastoral; 8) Que fazer nos seminários para que os futuros padres estejam esclarecidos sobre a verdadeira renovação conciliar e decididos a colaborar na sua realização.

Não houve tempo para uma elucidação sistemática de todos estes pontos e a reflexão valeu sobretudo pela troca de experiências que proporcionou entre os padres dos diversos seminários. Todos salientaram particularmente a importância da ligação entre o seminário e o presbitério, partilhando iniciativas já em curso visando tal objectivo. Falou-se ainda do lugar do director espiritual, enquadrado na equipa formadora. E também da grande necessidade de se repetirem estes encontros para padres dos seminários, onde haja ocasião quer para reuniões gerais, quer para reuniões por sectores: seminários menores e médios/seminários maiores, directores espirituais/responsáveis pela disciplina. Adiantou-se mesmo a possibilidade de realizar um novo encontro no próximo Verão.

Pe. Manuel Clemente

Crónica

Que comunidade?

A revisão do semestre. A partir das linhas de fundo assinaladas pelo Sr. Reitor no início deste ano lectivo, processou-se a nossa revisão, numa perspectiva de confronto. Divididos por grupos, a reflexão tornou-se mais fácil. À noite, voltámo-nos a encontrar para o plenário. Presente o Sr. Reitor e os restantes membros da equipa responsável. Moderou o debate, o José Manuel e este decorreu com interesse da parte de todos. 'Aqui' e 'ali' a caminhada está de acordo com as metas apontadas. Mas há ainda passos trémulos; atitudes não totalmente assumidas; comportamentos à procura de conversão... não fossemos nós também uma Comunidade a caminho, a fazer-se na paciência dolorosa de esperarmos uns pelos outros; na perseverança daquilo que foi já conquista deste semestre. E foi o reconhecimento de que somos uma comunidade, que não procura uma utópica igualdade de opinião e modo de «estar no mundo», mas que aceita e acolhe maduramente o desafio da alteridade, que nós terminámos esta reunião de revisão, com optimismo: o semestre que aí vem será melhor!... não fossemos nós também cristãos, «abertos» acção do Espírito que se faz proposta na nossa comunidade, de um «presente» acolher na originalidade e na irredutibilidade de cada um dos seus membros. Proposta que é também, acolhimento de um «futuro» que acontecerá como conquista e prémio da capacidade de diálogo e verdade interpessoal.

Definitivamente em Deus

Assim aconteceu no passado dia 9 de Fevereiro com o pai do Sr. Pe. Dr. Orlando Leitão, o qual fazia parte já do nosso ambiente familiar. Deus veio chamá-lo na maturidade dos anos mas na certeza de uma vida irrepreensível. Para o nosso Pe. Orlando Leitão foi dolorosa esta separação. Nós sabemos do carinho e da dedicação filial que sempre lhe votou. Neste momento porém, nós estivemos muito perto dele e acompanhámo-lo no seu sofrimento. Unidos na força da oração, suplicamos a Deus que o acolha no Seu eterno convívio.

A crónica «É Pessoa»

O Sr. Teixeira é o nosso «bar-man»... o homem das histórias verdadeiras desta casa; dos contos e dos factos plasmados por uma imaginação invejável; do humor sadio que dá que

pensar; dos quadros e das pinturas; das recordações ainda vivas e daquelas que apenas são sombra nebulosa no tempo; das esculturas e dos velhos 'alfarrábios'. Tudo isto, mais a boa-disposição; a discreção, a lucidez de espírito e o seu famoso cafézinho, fazem do Sr. Teixeira uma pessoa do nosso ambiente. Ele é o «tempo» deste seminário em voz activa (46 anos), falando a linguagem de 'ontem', estranha, curiosa, mas portadora de uma riqueza inegável que é a tradição e o apelo à experiência de 'ontem' a descernir a descoberta de 'hoje'. Forte e decisiva terá sido a mudança e tal coloração ganhou que o Sr. Teixeira, não se contendo, por vezes, arremata: «são todos uns comedores». E nós, sem sermos 'comedores' preferimos tomar do seu café: Sr. Teixeira, continue connosco e sirva-nos a 'bica'!

O nosso retiro:

Foi aos pés da Virgem Mãe de Deus e Nossa Senhora de Fátima que, à semelhança de anos passados, nós realizámos o nosso retiro anual.

Partimos na tarde do dia 3 de Março, auto-estrada fora, com uma breve paragem na Batalha para descansar um pouco. Depois, subimos a Serra de Mira D'Aire balbuciando as cinquenta Avé-Marias em louvor da Mãe de Deus. Era já quase sol-posto, quando entrámos no recinto sagrado e os sinos badalavam as Trindades.

Chegámos. À porta da Casa de retiros de Nª. Sª. do Carmo veio receber-nos o Pe. João Ferreira que iria estar connosco durante estes quatro dias, para nos fazer algumas propostas de reflexão.

E o retiro começou com a celebração de Vésperas e Eucaristia. Depois, foi o horário. No outro dia de manhã, foi só começar. Por onde? O Pe. João Ferreira achou por bem começar com uma reflexão sobre nós mesmos: a «nossa circunstância». E mais tarde a nossa «circunstância», deu azo, a que se falasse do nosso projecto de chamados à Igreja pelo Baptismo com uma vocação específica. Vocação essa que é projecto de Deus vivido hoje no seminário, segundo o pensamento do Vaticano II e as normas traçadas pelo «Ratio Fundamentalis Institutinois Sacerdotalis» da Sagrada Congregação para a Doutrina Católica. E tudo isso, foi reflexão dos dias seguintes: O Seminário não deve ser simulador de situações; viver nele é uma situação transitória mas querida pela Igreja e requerida pelas exigências da formação sacerdotal e pastoral, pois ele, antecipa já, o que futuramente seremos no Presbitério Diocesano. Por isso, o Pe. João apontou vários caminhos: diálogo constante, corresponsabilidade serena e pôs acento tónico na educação à fraternidade.

Enfim, muito teríamos para dizer destes dias. Em cada um de nós foi uma experiência pessoal e irredutível: um encontro com Deus. Mas o encontro com Deus pressupõe sempre a descoberta dos outros. Se assim não fosse, talvez houvesse que escutar a reprimenda de Jesus aos fariseus (...).

Por isso, podemos destacar que este retiro se caracterizou também por uma forte tónica comunitária que o dia-a-dia das aulas nem sempre proporciona. E a isso podemos chamar liturgia: a solenidade das horas litúrgicas, o canto rítmico da salmodia e a celebração da Eucaristia que primaram sempre pela dignidade e vivência comunitária.

Do Pe. João, guardamos a grata recordação da sua disponibilidade: «pôs na mesa» o que sabia. E a ser isso verdade, muito teremos que aprender dele.

Falou a linguagem de uma experiência sacerdotal, muito rica e variada. Por isso, para ele o nosso muito obrigado. Também não queremos deixar no esquecimento as irmãs da casa de retiros que talvez por serem «servas» tão bem nos serviram... Para elas, o nosso obrigado também.

Finalmente, o nosso obrigado a Deus, por tudo o que nos disse ao longo destes dias e que ficou registado no coração de cada um de nós, para uma resposta mais dinâmica aos seus apelos e um sentido eclesial, cada vez mais comprometido e empenhado.

Muito obrigado; obrigadíssimo Santo Padre!

Mês de Maio, mês de Primavera. parturiente, gerando uma nova imagem da natureza a convidar o homem a renovar-se dos «outros» indecisos da sua história pessoal e comunitária.

Mês de Maio, que põe os peregrinos e romeiros, pés nús, estrada fora, levando nos corações segredos humanos e divinos, forjados talvez, na solidão das lágrimas que só Deus conhece, mas que a Virgem de Fátima acolhe com imensa ternura.

Mês de Maio, dos pastores e das ovelhas, ambos fascinados pela verdura transparente das pastagens; dos cordeiros e dos lobos; dos que aceitam ou recusam o desafio da fé; dos que se deixam conduzir a águas mais salôbras.

E se a imagem natural não zanga ninguém, digamos com entusiasmo: mês de Maio, Maio histórico, que até nós trouxe o Pastor Universal, João Paulo II, feito caminheiro da Igreja e peregrino de Fátima. Esteve connosco; Pastor entre os Pastores e com as ovelhas, irmão e Pai. Uns e outros, encontraram-se olhos nos olhos da fé, e nos segredos que só a esperança sabe gerar, brotou o amor como o único caminho que pode salvar o homem.

E tudo isto foi acontecimento humilde, pois no coração de todos, cala bem fundo que só a humildade confunde as obras a que o mundo se habituou. E, elas são tais, que gostam de luzir à chegada e reluzir à partida.

Com João Paulo II, não aconteceu assim. Tivemos entre nós um homem cheio de fé, falando apenas a linguagem do Evangelho, a mesma linguagem, aos pequenos e aos grandes. E todos perceberam na voz do Papa a linguagem do amor misericordioso de Jesus Cristo, Redentor do homem. Nada o deteve. Nem sequer a lâmina alojada nas trevas do coração do homem, incapaz de reconhecer nos «sinais dos tempos», a verdade de Deus na história.

Tivemos entre nós um peregrino; de Deus e da Virgem Mãe. Veio a Portugal, a Fátima, realizar um sonho há muito acalentado. E veio falar de Deus e do que Ele sente pelo homem. Constituiu tema dominante dos discursos proferidos, o anúncio evangélico da Redenção: por maior que seja o pecado da humanidade, por mais perdido que esteja o pecador; maior é a redenção; mais vigoroso é o Redentor.

E se a morbidez do pecado é mancha sangrenta nos espaços da hi tória, a sanidade da Redenção é clarão

luminoso a prometer, e é já oferta de gratuita salvação.

Em Fátima, o Papa agradece a saúde e implora a salvação para o agressor. E aos seminaristas, reunidos no Centro Apostólico de Paulo VI, por ele inaugurado, confidencia-lhes que eles ocupam um lugar especial no seu coração. Mas, porque ao numeroso grupo de seminaristas, se juntava um outro bem maior, de sacerdotes, religiosos e religiosas, João Paulo II desabafa: «se vê que o Papa deve ter um coração bem largo!». Pudera...!

E em Vila Viçosa, João Paulo II abençoou os campos portugueses e no rosto do Alentejo descobre a realidade rural deste País.

Ainda na mesma manhã, João Paulo II, confidenciou amigavelmente aos universitários da UCP que estava contente de estar com eles: «estou a matar saudades». E, porque recordar é viver, recusou-se a ler integralmente o texto que trazia escrito. João Paulo II também tinha sido aluno. E ali, sentindo bem o coração dos jovens, arremata: «é demasiado longo!? e acrescenta, acalmando a euforia juvenil: «não se deve estudar com tanto calor!». E, voltando-se para o Senhor Reitor, atalha: «deixo-o ao Senhor Reitor... se deve estudar com tranquilidade!».

E da parte da tarde, no Parque Eduardo VII, foi o grande abraço à juventude. Eram centenas de milhares: «viva o Papa!». E o Papa respondia, enaltecendo qualidades, apontando valores, incentivando capacidades e denunciando atropelos. Era um apelo claramente dirigido aos jovens a que evangelizassem eles próprios, o mundo em que vivem. João Paulo II, chamou-lhes até, agentes natos da evangelização. E depois, para exemplificar, evocou Santo António de Lisboa; S. João de Brito e outros. Os jvoens, fascinados pela ternura do seu olhar, pela firmeza das suas palavras, teceram com os seus braços um vasto lenço multicolor, sobre o qual, João Paulo II, extasiado, passava enternecedoramente o seu olhar. E o Tejo manso, ao fundo, participou também da festa lisboeta, acenando com seu lenço azul, enquanto o Castelo de S. Jorge registava orgulhosamente, nas pedras multiseculares das muralhas do seu castelo, o mui nobre acontecimento.

E no dia 15, ainda o «rouxinol de Bernardim» não tinha acordado a «estudantada», já o Papa se encontrava a caminho da «Lusa Atenas». A manhã enevoada dava um ar sóbrio à visita de tão ilustre Senhor.

Mas, o ar festivo da cidade, o traje cerimonioso dos forasteiros, as capas negras da grande tradição cultural coimbrã, fizeram nascer o sol, teimosamente ausente na festa. E no vasto átrio da Universidade, o Papa saúda os estudantes com um vigoroso «Olá malta!». Não estava no protocolo, nem escrito nos discursos. Os monsenhores entreolharam-se, esboçando um pequeno sorriso. Já estão habituados a estes imprevistos humorísticos do Papa. E depois, João Paulo II, falou da cultura que «é do homem para o homem e a partir do homem».

De Coimbra à «Roma portuguesa», foi um salto rápido, embora já atrazado. Mas, de lá, ninguém arredou pé! E ali, João Paulo II, teve uma longa conversa sobre a família. Dela, disse destacadamente que: «ela é o lugar da vocação divina do homem».

Já declinava o dia, quando a «cidade invicta» recebeu Sua Santidade, numa apoteótica manifestação de carinho e de alegria. Diga-se, para bem da verdade, que os portuenses excede-

ram, de longe, as anteriores manifestações de acolhimento ao Papa. Por entre intensas ovações, o Santo Padre foi aclamado, e na cidade do trabalho recebeu a honrosa menção de seu cidadão. Ali, João Paulo II falou longamente do trabalho. E era a «Laborem Exercens» que nós ouvíamos: o primado do homem sobre o trabalho; este feito para o homem e não o homem feito para aquele.

Era já quase noite, e o Porto ainda cantava euforicamente entre vozes de alegria: «totus tuus»; «viva o Papa». E tudo acabou com os «parabéns a você» a que João Paulo II respondeu com fortíssimo «obrigado, obrigadíssimo». Depois veio a despedida. Cá, para estas bandas, acompanhámo-la cheios de emoção pela RTP. Mas, na verdade, nós estávamos lá todos, em Pedras Rubras. Foi o último adeus. O último, talvez não, porque aquela figura branca marcou, mais que os olhos, o coração dos milhões que o viram e escutaram; mesmo o daqueles que evitaram o écran. E não fora, certamente, algum monsenhor lá de dentro do avião, ter avisado Sua Santidade, da ligação dos reactores, João Paulo II teria ficado mais um pouco com o povo que em pouco tempo lhe cativou o coração.

E agora? Brota do nosso coração, antes de mais um muito obrigado a João Paulo II. Tão simplesmente, por nos ter falado de Deus através da sua experiência de fé e da sua fidelidade à sua vocação, assumida com coragem e amor, nas múltiplas formas ministeriais de que se tem revestido, em favor da Igreja.

Gratos, por nos ter falado abertamente do homem, sem enfeudamentos ideológicos ou políticos, mas tão sómente como Deus o quer: sua imagem, seu amigo e irmão; sobretudo Seu filho em Jesus Cristo, o Redentor do homem.

Gratos, sim, por nos ter recordado que a Igreja tem de seguir atentamente o caminho do homem, dialogando com a sua própria cultura; inserindo-se nas fibras profundas da sua história; incarnando hoje as suas angústias, alegrias, tristezas e esperanças.

Mês de Maio, mês feliz no calendário, porque já não se fará história verdadeira em Portugal, sem folhear aquela agenda; sem fixar aquele mês, e nele, aqueles quatro dias, com emoção e saudade.

Mês a deixar rasto, na alma de crentes e não-crentes; um rasto de inquietação, pela paz ainda não construída, e pela reconciliação que urge estabelecer entre os homens.

Actividades da equipa de estudos

Tem sido bastante profícua a acção da equipa de estudos ao longo destes meses. O início do ano, foi marcado com uma reflexão sobre a unidade da Igreja. Estávamos, então, em plena semana de oração pela unidade dos cristãos. O convite foi feito ao Sr. D. Luís Pereira, Bispo da Igreja Lusitana. Já não era a primeira vez que nos encontrávamos; mas aquela foi especial.

D. Luís, na simplicidade e na verdade das suas palavras, falou-nos da unidade. E o seu discurso, constituiu uma verdadeira reflexão sobre o assunto para esta comunidade. Ficámos a conhecer os pontos de convergência doutrinal entre as várias confissões, e os pontos de discussão. Tudo somado, faz-nos recordar aquela bela e memorável expressão do saudoso Papa João

XXIII: «é muito mais aquilo que nos une do que aquilo que nos separa».

Mas, a questão da unidade, não consiste tão sómente, numa «empatia» de sentimentos. É uma atitude que pressupõe uma mudança de mentalidade e um autêntico desejo de buscar a verdade. Desta realidade se fez eco o Sr. D. José Policarpo, na celebração por ele presidida na Igreja dos Anjos. Ficou-nos claro que o caminho do ecumenismo é um desafio lançado a toda a Igreja. Um caminho ainda pouco assumido.

D. Luís Pereira, mostrou porém, que é necessário corrê-lo «para que o mundo acredite que Tu Me enviaste» (Jo. 17, 21). D. José Policarpo, apontou caminhos precisos.

Vários têm sido os temas focados nas quartas feiras. Temas esses, que se enquadram exactamente no programa formativo deste seminário teológico-pastoral. Merecem-nos particular destaque algumas conferências proferidas por pessoas versadas no assunto.

Assim, o oitavo centenário do nascimento de S. Francisco de Assis, cuja data celebramos este ano, trouxe até nós o Pe. Montes, por nós muito estimado e notavelmente conhecido, como professor de Teologia histórica na UCP.

A tonalidade da exposição, era-nos sobejamente conhecida, pelo que teríamos acolhido, logo desde o início as habituais desculpas... E a exposição primou pelo seu carácter historicista, fundamentada no mais recente aparato crítico. E de S. Francisco, foi-nos dizendo da sua influência no tempo dos homens e no espaço da Igreja. De ouvinte nato, do mais belo da mensagem do Evangelho, a pobreza, passou a seu anunciador. E o seu eco chegou bem longe. O Papa Inocêncio III deixou-se apaixonar pelo estilo simples daquele jovem de Assis, e grande foi a mudança na corte papal. Enfim, de Assis a Roma, de Roma aos quatro cantos do mundo, Francisco de Assis é hoje uma grande família, procurando no rasto dos seus pés, uma identidade cada vez mais profunda, com os ensinamentos do seu fundador. Ao Pe. Montes o nosso obrigado.

E porque estamos realmente num ano de centenários importantes, como é também o de Stª. Teresa de Ávila, o quarto da sua morte, não haveria melhor ocasião, para convidar cá a casa, o Provincial dos carmelitas, para nos falar dela, melhor, da oração e como ela a entendia. Por ser um tema actual, e por nos dizer também íntimo respeito, a nós futuros sacerdotes, o momento foi oportuno.

De Stª. Teresa, falou-nos do seu carácter místico, com um triplice carisma: uma grande experiência de Deus; uma profunda compreensão da mesma e uma viva capacidade de a comunicar. E da oração, foi-nos dito, com serenidade, que o mais importante não são os momentos de oração, mas a vida de oração.

Respondendo a algumas questões que lhe foram postas, o Pe. Jeremias dizia, que o sacerdote é o homem que deve contemplar o mundo com os olhos de Deus. O seu ministério, é, por conseguinte, fonte da sua própria espiritualidade e vida interior.

Na semana seguinte, foi a vez do Provincial dos Padres Vicentinos. E com simplicidade, soubemos da vida de S. Vicente de Paulo e do seu influxo no seu tempo e ainda hoje tão presente na caridade cristã.

Depois, foi a visita do Santo Padre. Entre nós, houve também, a necessi-

dade de a preparar. Isso constituiu ocasião ideal, para reflectirmos sobre a história do papado, desde os primórdios do cristianismo, passando pela visibilidade temporal da cristandade medieval, apagando-se nas trevas da cobiça do poder, para ressurgir na pureza da renovação, operada tantas vezes à sombra dos muros conventuais. E a grandeza do «parágrafo», corresponde exactamente à brilhante exposição do Pe. Manuel Clemente, convidado expressamente para o assunto. À noite, o Sr. Reitor, D. José Policarpo, foi convidado a falar-nos da figura teológica do papado, surgida da renovação conciliar. Quem é o Papa, seu lugar no Colégio Episcopal, significado e exercício do seu ministério pastoral, estas e outras perguntas, que afloravam no espírito dos presentes, foram esclarecidas com douta inteligência teológica e digna perspectiva eclesial. A todos, o nosso obrigado e parabéns à Equipa de estudos.

O passeio anual

O ano passado tinha acabado com o jantar em casa do Sr. Reitor. Talvez o cheiro a sardinha assada, o sabor da broa de milho mai-lo simpático acolhimento da família do Sr. Reitor nos tivessem avezado... E, se o ano passado acabou no Pégo, este ano acabou na Feliteira! Fosse como fosse, a verdade é que a recepçã foi agradável e o local escolha acertada. Com efeito, a paragem para jantar, em casa do Pe. Manuel Clemente, foi «obrigatória». Foi a última de um dia, que tinha começado bem cedo junto do altar e se prolongara em alegre convívio e fraterna amizade.

Foi assim em Sintra; e de Sintra a Mafra, de Mafra a S. Izidoro. Além, foi o ar puro da Serra enchendo de fresquidão os pulmões; ali, em Mafra, foi o seu Convento, falando de outras eras, no rosto polido do mármore, que o tempo ainda não conseguiu envelhecer. E em S. Izidoro foi o almoço. Assim tinha ficado combinado com o Pe. Joaquim Pedro: «Tu dás o vinho e a gente dá-te o arroz!» Arroz do bom, já se vê... Como não o mereceria o Pe. Joaquim Pedro que no fim do almoço nos ofereceu o café? E quando dali saímos eram já 15 horas. Tomámos caminho em direcção à Ericeira onde nos esperava uma agradável tarde de praia. Eram 18 horas quando iniciámos o regresso, passando por Torres Vedras. Por proposta do Pe. Manuel Clemente fomos visitar as Linhas de Torres e nas ruínas da capela de S. Tiago, recitámos a oração de Vésperas. Já o sol se escondia lá p'rás bandas do mar, quando descemos, agora, direitinhos à Feliteira. E ao sol-posto estávamos a chegar. Era à hora do jantar. Que bem nos soube a amabilidade e o acolhimento da mãe do Pe. Manuel Clemente! Que bem nos soube os momentos de encontro ali passados, colmatando eventuais quebras no mundo da nossa relação pessoal e comunitária! Neste ambiente, alguém desabafou: «isto assim tem mais graça...» Outro, porém atalhou: «mas é um ano de esforço que no-lo concede...» Graças a Deus! E foi assim que regressámos, rumo aos Olivais.